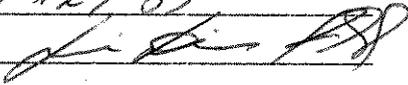


CAREN ELISABETH STUDER

Este exemplar corresponde à redação  
final da Dissertação defendida por  
CAREN ELISABETH STUDER e aprovada  
pela Comissão Julgadora em \_\_\_\_\_

Data: 28/12/89

Assinatura: 

ESCOLA, ESTRANGEIRO E VIOLÊNCIA CULTURAL:  
UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENTENDIMENTO  
DO NEOCOLONIALISMO CULTURAL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNICAMP

1989

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de MES TRE EM EDUCAÇÃO na Área de Metodologia de Ensino, à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da Universidade Es tadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Dias Sobrinho.

Comissão Julgadora

Márcia Regina F. de Brito

Joelma de Brito

João de Brito

## AGRADECIMENTOS

*São muitos a quem devo meus profundos agradecimentos. À grande maioria, através de sua indignação ante o que eu representava como estrangeira, eram seus olhares, gestos e palavras em todos os lugares possíveis. Agradeço àqueles outros todos que tenham atuado em seus trabalhos e práticas para a denúncia e a superação do contexto colonial atual.*

*Agradeço ao CNPq a concessão de duas bolsas, como uma ajuda nos momentos financeiros mais difíceis.*

*À Zé Dias, meu orientador, agradeço o crédito dado a este trabalho através de um longo e paciente acompanhamento deste processo.*

*Às contribuições de Liliana R. P. Segnini e Maria de Lourdes M. Covre durante o exame de qualificação foram preciosos no sentido de um enriquecimento deste trabalho.*

*Um agradecimento especial a Elomar, figura maravilhosa do sertão baiano que, através de sua pessoa e de suas composições foi um marco na construção de um novo referencial, concepção de mundo e de vida.*

*À Caetano querido, minha profunda admiração pela resistência, meu agradecimento em podermos viver este processo de forma tão ampla, profunda e cotidiana. Aos nossos frutos Piraju, Uirauna, Anauê e Ibiáçu, a oportunidade constante de questionamento, aprofundamento e superação destes valores alienígenas.*

*À Ernesto, meu pai, agradeço as inúmeras conversas explicativas a respeito da Escola Suíça, como também o material cedido a seu respeito durante os anos em que presidiu a escola.*

*À Elvira, os meus agradecimentos pela carinhosa revisão do texto final.*

*À amiga Bia, agradeço pelo papel de porta voz que tem assumido em meu meio estrangeiro familiar.*

*À todos que diretamente ou indiretamente contribuíram e deixaram de ser mencionados, os meus agradecimentos.*

DEDICATÓRIA

*"A Europa assumiu a liderança mundial com entusiasmo,  
cinismo e violência ... Há dois séculos  
passados, uma antiga colônia européia resolveu  
nivelar-se à Europa. E foi tão bem sucedida que os  
Estados Unidos da América transformaram-se num  
monstro, cujas infecções morais, doenças e desumanidade  
da Europa desenvolveram-se naquele país em  
dimensões aterrorizantes"*

FANON

*Estas infecções não pararam por aí, esparramaram-se por todo lado,  
através do colonialismo no terceiro mundo. O seu alastramento consistiu na  
invasão de espaços sócio, econômico político e culturais.*

*Fui criada como filha de europeus, como estrangeira dentro destes  
espaços. Passei 20 anos no isolamento destes meios, que representam ilhas  
resguardadas de qualquer contato mais profundo com a realidade brasileira. Apesar  
de minha formação ter sido fruto deste meio, era precário o conhecimento a  
respeito do significado de ser estrangeira dentro de nossa realidade mais ampla.*

*Foram muitos os ensinamentos das pessoas nas ruas, no ônibus e por  
aí afora ... Pessoas que, através de sua simplicidade e integridade, despiram o meu  
falso humanismo, denunciando a arrogância, o racismo, a violência.  
Denunciando minha covardia, sem-vergonhice, o nosso senso destruidor, elementos  
estes que se constituem em denominadores comuns à grande maioria dos  
estrangeiros ligados ao grande Capital.*

*A leitura de Fanon entre outras, foi o ápice deste processo: não se tratava somente de uma opinião pessoal, descartável à respeito da violência colonial. Estava impresso, outros também tinham acesso; além do mais, a minha prática de estrangeira o confirmava o tempo todo. Fanon as denunciou desde as nossas conversas familiares durante a janta até às negociações da dívida externa.*

*A vergonha, esta sim foi profunda. Foi o início de um processo de 10 anos de descolonização. Este trabalho constitui-se no fechamento de uma das últimas portas deste processo.*

*Como ex-integrante do meio estrangeiro, sinto-me na obrigação de "pôr a boca no mundo". Não há mais como ignorar, refutar ou justificar a violência colonial, como muitos nos querem impor. Junto-me àqueles todos, que ainda não foram corrompidos pela falsa humanidade do primeiro mundo, para defendermos mais do que nunca, o nosso espaço. Acabar com as invasões de quase meio milênio, e tudo o que delas derivou: a miséria, o desrespeito e a corrupção a todos os níveis. Este espaço é nosso, ao contrário de todos os estrangeiros e brasileiros "civilizados" corrompidos, nós não temos para onde voltar.*

*Este trabalho é para nós que ficamos.*

*Por opção.*

*A todos nós povo brasileiro,  
povo latino-americano.*

*A todos nós do terceiro mundo.*

*RESUMO*

A preocupação central deste trabalho é a de demonstrar a abrangência do contexto colonial, vivido até os dias de hoje. Procuro localizar o estrangeiro ligado ao grande Capital, dentro de nossa realidade atual. Tendo em vista, este propósito, escolho duas categorias que melhor poderiam localizar e sintetizar as práticas destes estrangeiros aqui:

a **escola**, como um aparelho ideológico e

a **ideologia**, quanto concepção de mundo que localiza, primoriza e legitima uma estrutura político, econômico e social na qual se incluem estes estrangeiros, como peça central.

A escola representa o espaço físico concreto em que podemos observar a maneira como se organizam estes estrangeiros, e a maneira como nos excluem de seus espaços.

A nível de ideologia, no caso a ideologia pós-liberal, como esta serviu, principalmente a partir de 64, de legitimação de um desenvolvimento nacional dentro dos moldes do primeiro mundo.

A base de sustentação do estrangeiro aqui, é a monopolização de nossa estrutura econômica. Procuro recolocar a questão do colonialismo dentro de uma estrutura econômica internacional, onde predominam as políticas financeiras ditadas pelo primeiro mundo. Tendo esta sustentação econômica, vemos a interação destes estrangeiros, num contexto, que resulta na continuidade de uma extrema violência econômica, política e cultural.

Neste sentido procuro recolocar a questão de nossa segurança nacional. Não mais como sendo um apêndice das "superpotências" ocidentais, mas como fruto de um processo de colonização de 500 anos, e como integrante de uma realidade maior, regional: a do terceiro mundo como um todo.

## INTRODUÇÃO

É intenção deste trabalho focar a questão do estrangeiro na realidade brasileira, particularmente o significado daqueles estrangeiros ligados ao grande capital aqui. Procuro neste trabalho caracterizar o entrelaçamento destes estrangeiros em nossos espaços econômicos, políticos e sociais, evidenciado a partir daí, a continuidade das relações coloniais criadas a partir de 1500. Destrinchar algumas das facetas do colonialismo, num contexto econômico/político, no qual predominam as políticas financeiras, é esta a proposta central deste trabalho.

Ao falarmos em colonialismo atual, veremos não se tratar mais de uma realidade na qual somente se contrapõem os invasores estrangeiros, de um lado e os autóctones de outro. Constituem-se estes nos elementos básicos de um contexto colonial, mesmo que atualmente esta relação tenha assumido formas mais complexas, e por isto, mais escamoteadas de existir. O colonialismo na América Latina está intimamente ligado ao desenvolvimento do capitalismo europeu: as riquezas latino-americanas constituíram-se no arranque inicial da industrialização eu

ropéia. Mesmo que a partir daí, o capitalismo tenha se reciclado constantemente para o que denominamos hoje de capitalismo financeiro, ainda assim, não houve grandes mudanças na relação colonial de então. O capital financeiro internacionalizou-se ao ponto de ter anexado todas as fronteiras nacionais, dando a impressão de uma "universalização" dos espaços geográficos. Somente uma impressão, à medida em que continua a prevalecer no primeiro mundo, no norte, o centro de decisões econômico - políticas. Esta aí, a chave do continuísmo da relação colonial atual.

A nível sociológico, um novo ingrediente: a ascensão nas colônias de burguesias nacionais internacionalizadas, ou seja, reprodutoras da visão de mundo dos interesses estrangeiros nas realidades nacionais. A introjeção dos valores do primeiro mundo, como valores máximos, por nossa burguesia, constitui-se em um dos elementos de sustentação, de legitimação para o restante da população brasileira, dos estrangeiros e de seus interesses aqui dentro. A retransmissão destes valores passa a permear a sociedade como um todo, em todos os seus possíveis níveis de interação, resultando daí num contexto colonial extremamente complexo, onde os elementos se diluem, tornando a violência colonial mais sutil e escamoteada. Este é precisamente o contexto a ser trabalhado nesta tese: um contexto colonial sob a égide do capital financeiro, no qual eu procuro destrinchar apenas alguns de seus elementos, para a demonstração de sua continuidade atual.

Como elementos demonstrativos deste contexto colonial nacional, menciono somente alguns: uma escola estrangeira ,

a política econômica recente, os intelectuais e ideologia, a questão da Doutrina de Segurança Nacional entre outros aspectos vividos no cotidiano pela maioria de nossa população. Neste sentido, não aprofundo somente a existência da relação geral de colonização, mas procuro dar um panorama da abrangência desta relação, na qual, sem dúvida, a **violência** (cultural) é o traço básico, marcante, desta relação existente desde as invasões de 1.500, até os dias atuais.

Foi nas leituras dos textos de Frantz Fanon que eu pude encontrar o significado, a amplitude desta violência nas sociedades colonizadas atuais. Mesmo que as estruturas econômicas e políticas tenham se modificado desde a atuação de Fanon no final da década de 50, continuam a persistir as mesmas relações de dominação desde então. As idéias básicas contidas em seu livro "Os condenados da terra", feitas as devidas atualizações, constituem-se como pano de fundo deste trabalho como um todo. As descrições e análises de Fanon a respeito da violência cultural dentro do contexto colonial, passaram a ganhar vida à medida em que tiveram o respaldo de minha experiência pessoal como filha de europeus em São Paulo. Daí, em alguns momentos, o tom de desabafo deste trabalho, como forma específica de escrita, com a finalidade de denunciar com base no conhecimento e experiência, a sutileza e a concretude desta violência cultural.

Em Gramsci encontrei o instrumental teórico deste trabalho, principalmente no que diz respeito à escola e a questão dos intelectuais. Quanto a essa última categoria, encontrei a definição essencial para este trabalho: a do intelectual orgâ

nico. Orgânico, entendido como aquele que além de defender em seu trabalho teórico uma determinada classe social, se imiscui a tivamente na prática com esta mesma classe, como construtor, or ganizador e persuasor permanente. Assumir a organicidade do inte lectual em minha pessoa, significou deixar de ser estrangeira co mo descendentes de europeus e efetivamente fazer parte da reali dade, das lutas vividas pela maioria de nossa população. Ter as sumido um novo meio econômico, político e social, foi uma exigên cia mínima para dar crédito a este tese, um procedimento que me afastou ainda mais do meio estrangeiro ao qual pertenci até en tão, e o que contribuiu para uma maior compreensão e uma crítica mais profunda das relações coloniais existentes. Neste sentido, não me coloco neste trabalho como um intelectual frio e puramen te acadêmico, que não se posiciona diante do drama que está es crevendo, analisando. Sem desmerecer os procedimentos acadêmicos e suas exigências, procuro assumir uma posição clara diante das questões aqui colocadas, na medida em que as minhas práticas referendam as questões analisadas aqui, antes de tornar-me organicamente ligada e identificada à classe subordinada ou seja, a maior parte da população brasileira.

O livro "A fala dos homens" de Mario de Lourdes Co vre, foi a terceira leitura de grande importância para este tra balho. Nele, pude encontrar teorizadas as principais forças que mantêm este contexto colonial atual. Por um lado, a monopoliza ção de nossa economia, principalmente após o golpe de 64, e por outro, como forma de referendar a vigência do Estado autoritário e com ele, a classe dominante, a ideologia pós - liberal.

INDICE

CAPÍTULO I

A IDEOLOGIA E A ECONOMIA COMO SUSTENTAÇÃO DOS ESTRANGEIROS LIGADOS AO GRANDE CAPITAL .....	1
REFERÊNCIAS .....	14

CAPÍTULO II

SOBRE UMA ESCOLA ESTRANGEIRA .....	16
. Surgimento da Escolas Estrangeiras .....	18
. Orgranograma .....	21
. Sobre os critérios de seleção .....	26
. Sobre o Corpo Docente .....	28
. Sobre os Critérios de Orientação .....	31
REFERÊNCIAS .....	42

CAPÍTULO III

SOBRE A VIOLÊNCIA CULTURAL .....	45
. Quanto a violência Cultural .....	50
. Quanto a violência Física .....	52
REFERÊNCIAS .....	70

CAPÍTULO IV

O ESTRANGEIRO E A SEGURANÇA NACIONAL .....	73
(Uma indicação)	
REFERÊNCIAS .....	83
CONCLUSÃO .....	85
OBRAS CITADAS .....	92

Procuro localizar estas duas questões no primeiro capítulo deste trabalho, não no sentido de aprofundar o estudo a seu respeito, mas tão somente para avaliar a profundidade dos alicerces do contexto colonial em nossa estrutura econômica, política e social. Uma estrutura na qual o estrangeiro não necessita de ficar aparecendo demasiadamente freqüente frente a opinião pública: esta função, passou a ser desempenhada pelos intelectuais tecnoburocratas, sempre em vota do poder (como exemplos temos, na história recente, Simonsen, Golbery, Hélio Beltrão, Roberto Campos, entre tantos outros). Daí ter assumido a ideologia, no caso a ideologia pós-liberal, ao lado das reformas estruturais de nossa economia, e ao aparelho repressivo, um papel essencial para a manutenção de nossa classe dominante no poder, e os estrangeiros, ligados às grandes incorporações, incluídas nesta.

Quanto ao segundo capítulo deste trabalho, procuro descrever uma escola estrangeira como um espaço concreto no qual podemos dar sentido à expressão referida por Maria de Lourdes Cobre: "vive-se ideologicamente". Como pertencente àquele meio, tive acesso a algumas entrevistas, a publicações de alunos como também da própria escola, além de materiais conseguidos do estrangeiro sobre a problemática de tais escolas para as metrópoles (a Europa no caso). A escola estrangeira, que leciona os dois currículos, o brasileiro e o da "metrópole", como um espaço de reprodução de valores, de visão de mundo específica do primeiro mundo; como forma de reprodução desta ideologia, um contingente humano utilizado na reprodução do capital estrangeiro aqui dentro.

No terceiro capítulo, trabalho a violência cultural propriamente dita. Preocupo-me em dar uma visão histórica , em termos de demonstrar o procedimento "colonial" atual como uma mera continuidade daquilo que se verificou, há quase 500 anos. Trata-se de um texto mais agressivo, pelo tipo de agressividade contido nas questões referentes à violência cultural.

Por último, levanto a discussão quanto ao conceito de Segurança Nacional. Agora, não mais com base à guerra fria dos Estados Unidos dos anos 50, mas ao contrário, assumindo o referencial teórico de um país eternamente colonizado, no questionamento das idéias "pré-fabricadas" pelo norte-americanos, à procura de um novo conceito de Segurança Nacional, onde necessáriamente se questione a relação norte-sul. Este capítulo constitui-se somente como uma indicação para a reformulação do que venha a ser a nossa Segurança Nacional ante uma realidade colonial de quase 500 anos. Procuro, ainda neste capítulo, indicar uma rápida associação entre os elementos chaves de aculturação utilizados pelo primeiro mundo, e pela burguesia nacional, com a questão de nossa segurança nacional.

No final, uma conclusão que visa relacionar as questões levantadas neste trabalho, de forma que tenhamos elementos suficientes para que enxerguemos como uma questão de Segurança Nacional, o uso de uma camiseta "Disney". Assumir a nossa realidade colonial como instrumento de mudanças para uma nova realidade para o terceiro mundo. Esta como sendo a proposta maior deste trabalho.

## CAPÍTULO 1 ..

A IDEOLOGIA E A ECONOMIA COMO SUSTENTAÇÃO  
DOS ESTRANGEIROS LIGADOS AO GRANDE CAPITAL

Procuro situar neste trabalho, a problemática do estrangeiro do primeiro mundo, aqui, em termos de impacto de valores culturais dominantes sobre o resto, a grande maioria da população brasileira. Assumo para tal, como pano de fundo a teoria do desenvolvimento desigual e combinado nos termos mencionados por Maria de Lourdes Covre (1): "... em termos de âmbito de cada complexo capitalista de formações sociais, desenvolvimento desigual significa desenvolvimento capitalista desigual, combinado com não-desenvolvimento capitalista, este último, referindo-se a "espaços" (não necessariamente geográficos) do complexo de formação considerado..."

Considero esta teoria como sendo a que melhor dá conta de abranger a heterogeneidade de nossa formação social. Procuro inserir dentro deste contexto a problemática do estrangeiro ligado ao grande Capital, à medida que faz parte de nossa classe dominante juntamente com a burguesia nacional. Assumindo a constituição monopólica de nossa economia, e as ilimitações das fronteiras econômicas propiciadas pelas políticas econômicas do capital financeiro, recoloco a questão nacional, agora no âmbito de realidades regionais como latino - americanas por

exemplo, e, esta, dentro de um perspectiva tercielo mundista. Estas questões perdem relevância quando considerados em termos de espaços econômicos, puro e simplesmente, mas considero essencial, à medida em que verificamos a concentração no primeiro mundo das decisões destas corporações econômicas predominantes, até agora, no ocidente. Não é por acaso, que esta concentração situe-se no primeiro mundo, continuando como nas fases anteriores do capitalismo atual, a manter a ordem político - econômico internacional vigente até os dias atuais. Uma ordem internacional, pela qual o terceiro mundo paga caro: o preço é a miséria da ampla maioria da população desta esfera considerada. Neste sentido procuro retomar a questão do estrangeiro, a partir de uma perspectiva do terceiro mundo face as mudanças do primeiro mundo em relação à questão (das possíveis consequências) dos estados nacionais, e as do segundo mundo, a partir das políticas da perestroika.

Procuro nesta primeira parte do texto, explicitar o que são a meu ver os dois suportes básicos para a presença atual aqui, do estrangeiro ligado ao grande Capital. Estrangeiros tivemos-los sempre a partir das invasões de 1500. Como suporte de sua contínua presença, temos por um lado, as condições favoráveis, advindas de nossa estrutura econômica, e por outro, uma ideologia, atuante como pano de fundo, de legitimação da presença destes estrangeiros.

Procuro em seguida delinear o conceito de ideologia a ser usado neste trabalho, sem entrar portanto na discussão do mesmo, a medida em que eu o utilizo somente como um instrumen

to de análise para a compreensão de um dos suportes da presença dos estrangeiros ligados ao grade Capital aqui.

O conceito trabalhado nesta tese é aquele definido por Gramsci: "Ideologia, enquanto **concepção de mundo**, que se pode compreender como parte do fluxo da realidade" (2) à medida que faz parte de situação concreta da vida societária. "Uma concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações na vida individual e coletiva" (3). A ideologia como fazendo parte da situação concreta da vida societária, não podendo ser um corpo abstrato, isolado e ausente de influências de determinado contexto material. Nas palavras de Gramsci, "as forças materiais são o conteúdo, e as ideologias, a forma, e de forma didática: as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem a forma e as ideologias seriam fantasias individuais, sem as forças materiais." (4)

Neste sentido vale dizer, que ideologia é históricamente necessária, com a sua condição de existência não atrelada aos rumos das mudanças das relações sociais. "A ideologia possui forças que a mantém: como a necessidade de segregação por parte do indivíduo, o temor em perder sua identidade" (5) A ideologia faz parte da situação concreta da vida societária ao ponto de podermos resumir o seu entrelaçamento através da expressão de Covre: "vive-se ideologicamente" (6). A ideologia existe como uma sombra acompanhante dos conteúdos materiais. "A adesão ou não-adesão das massas a uma ideologia é, nas palavras de Gramsci, o modo pelo qual se verifica a crítica real da racionalidade e da historicidade dos modos de pensar" (7)

Neste sentido ocupa um espaço vital na existência do contexto material e social. Não existem "vácuos ideológicos". Os espaços são necessariamente preenchidos por conteúdos reais, mais ou menos coordenados, frutos da organização concreta dos indivíduos no meio social. Desta forma deixamos de falar de "uma" ideologia, que existe somente enquanto conceituação geral, para falarmos de várias ideologias específicas, cada uma como "uma combinação de elementos, culminando em determinada direção, norma de ação coletiva, "histórica concreta". (8)

Uma vez aclarado o conteúdo teórico, geral de ideologia para este trabalho, passarei a contextualizar a especificidade do conceito de ideologia pós-liberal, vertente ideológica correspondente à etapa do capital monopolista.

O ano de 1964 se constitui como um marco, um divisor de águas, em que se "rompem as ambigüidades, a fração monopolista do capital ascende à hegemonia, também política, na formação social brasileira" (9) Ele se contrapõe ao antigo capitalismo de concorrência, no qual predominava uma atividade econômica basicamente de pequenas e médias empresas, uma produção social fundada na independência de cada unidade de produção capitalista.

Uma organização econômica, na qual o Estado se colocava como uma supra-estrutura, fora, "acima" da estrutura econômica, que numa fase de concorrência, o declarava impotente em face às leis econômicas de mercado. A esta estrutura econômico-social corresponde uma concepção de mundo própria: a ideologia liberal, um período, em que se deu o início da construção da Ordem Burguesa Nacional. (10)

O processo de monopolização da economia, tem as suas origens antes de 64, mesmo que só venha a se concretizar efetivamente após esta data, com a ascensão do Estado burocrático militar e com ele, a burguesia local. Reafirma-se a partir daí "o Brasil, como pertencente ao bloco ocidental, e tendo como pilares a Ciência, a Democracia e o Cristianismo. Inserido dentro de uma configuração como "capitalismo social/capitalismo misto".

(11)

O Brasil passa a ser visto pelo primeiro mundo, como um espaço de condições extremamente favoráveis para a expansão capital monopolista a nível ocidental. A entrada maciça de estrangeiros no final de 60, é decorrente da concentração aqui, da maioria dos investimentos das multinacionais americanas, jap<sup>o</sup>nêsas e européias realizadas na América Latina. (12) O Brasil como "o" privilegiado dentre os países periféricos, que melhor poderia atender ao projeto de divisão internacional de trabalho .

(13)

Neste momento, em que a nível internacional, a exportação de capitais substitui a exportação de mercadorias, registra-se uma mudança na esfera **política** dos países importadores e exportadores de capitais, o que nos remete à questão do imperialismo.

O conceito de imperialismo é utilizado aqui, no sentido de ser uma resultante da combinação de expansão econômica e domínio político. (14) Não como sendo próprio capital financeiro, mas a **política deste capital**. Trata-se de uma ampliação de espaços econômicos. Deixa de ser uma luta econômica somente, pa

ra incluir uma luta pelo poder, o que nos remete para o âmbito das fronteiras nacionais. Transcrevo a seguir um trecho de Hilferding, para retomar a questão nacional. Para Hilferding, "a unificação dos capitais cria um espaço econômico próprio, se este coincide ou não com a nação, não entra no horizonte de preocupações. O que importa é o espaço econômico próprio do capital financeiro, cuja tendência é crescer pela política imperialista, eliminando qualquer possibilidade de ação nacional, num mundo disputado pelo capital financeiro" (15)

Se, somente nos atermos à esfera econômica, da política do capital financeiro, deixaremos de considerar os espaços nacionais existentes, que, neste trabalho, são considerados essenciais para a localização da dominação estrangeira no Brasil. "Assim como o imperialismo não é simplesmente o capitalismo, as empresas multinacionais não são simplesmente firmas capitalistas para dar lucro. As empresas afastam daqueles que trabalham na produção o controle sobre essa produção; as multinacionais estendem a alienação através das fronteiras políticas. As decisões estratégicas são tomadas no centro. Mesmo que uma estratégia seja concebida inicialmente fora do centro, deverá ser por esta referendada." (16) As decisões operacionais podem ser tomadas localmente, mas quem decide os investimentos, os planos de longo prazo ou a continuidade ou não das atividades neste país é a matriz no centro. Muito dos que analisam o imperialismo, nos sua estrutura econômica e a questão dos estrangeiros aqui, esquecem, deixam de considerar a questão central, a meu ver, de quem toma as decisões, e aonde.

Tomando por base o local e a qualidade política das decisões tomadas pelos que comandam a nível internacional o capital financeiro, é que faço uma divisão de águas entre o primeiro e o terceiro mundo. O Brasil situa-se dentro da realidade do terceiro mundo como um todo, mesmo que em alguns aspectos assume uma posição privilegiada dentro deste, à medida que tenha sido alvo da política imperialista, que "se realiza heterogeneamente da região para região, do setor para setor, etc., dentro do desenvolvimento - crise e dos deslocamentos dessas crises para os elos mais frágeis." (17)

Retomando o processo brasileiro, podemos verificar, a partir de 64 a hegemonia da fração monopolista do capital não somente a nível econômico, mas político também. "Nesse momento, a classe dominante rearticula seus compromissos com a Sociedade Civil, cria determinados privilégios para as chamadas classes médias, e aciona o processo de exclusão das massas".(18)

O Estado passa a assumir uma nova função: calcado nas grandes unidades de produção, "não só no sentido de representá-los em seus interesses primordiais, mas em sua "função" econômica de ser seu sócio maior" (19). O Estado compõe, juntamente com as multinacionais e o capital nacional, o que veio a ser a "tríplice aliança". A nossa classe dominante, a partir daí, passa a ser composta de três associados interdependentes, que têm um interesse comum na acumulação de capital e na subordinação da massa da população: unem-se em termos destes interesses, os capitais estrangeiro, estatal e nacional. Passa a existir um "pacto" de dominação no qual "as contradições entre a racionalidade

global das multinacionais e os interesses da burguesia local e o Estado são considerados como potencialmente solucionáveis, desde que as condições gerais de operações da aliança não sejam demasiado desfavoráveis à continuação da acumulação na semi-periferia." (20)

A burguesia nacional passa a fazer parte como membro de estratégia de acumulação de capital, ou seja, passa por um processo de "internacionalização" no qual ela se alia ao capital internacional, conservando seus interesses na acumulação local. (21) Será esta sua internacionalização, juntamente com a análise do estrangeiro aqui, a questão central deste trabalho. Tendo como referência o universo cultural desta classe dominante internacionalizada, é que descrevo a violência cultural sobre o resante, a massa da população brasileira.

A estrutura econômica descrita acima, se constitui como a base, mas ela, por si só, não explica a continuidade de permanência do estrangeiro aqui. Volto a atenção, a nível do poder, para o Estado, autoritário, burocrático-militar, que passa a constituir-se como um "constructo de classe", resultante de um processo no qual os valores específicos da classe dominante, tornaram-se **normas sociais**. (Daí a questão da violência cultural desenvolvida posteriormente) Nesse processo, os intelectuais orgânicos são cruciais, como a elite de uma classe politicamente organizada e ideologicamente estruturada." (22) (parentesis e grifo meus).

Esta ideologia da classe dominante especificamente, que passarei a denominar como ideologia pós-liberal; resul-

ta, como colocado no início, de uma combinação de visões de mundo dos vários grupos sociais em embate; no caso, os que compõem a classe dominante. Esta direção, o conteúdo ideológico, "deve ocultar precisamente que é uma direção parcial, a de um grupo de terminado (que tem posição privilegiada no caso de produção) que seria representativa de todos, criando a unidade consensual."(23)

Desta forma, podemos dizer, que esta ideologia, a ideologia pós liberal, ou também chamada de neo-capitalista, não ser uma "nova" ideologia. Apoiando-me em Gramsci, mencionado anteriormente, identifico o capital monopolista como sendo o conteúdo, e a ideologia pós-liberal, como sendo a sua forma. Esta ideologia, acompanhante do capital monopolista, "tem uma interpretação para as modificações econômicas (processo de concentração econômica, divisão entre propriedades e controle de propriedade, ascensão da burocracia, etc) e para as modificações políticas, de forma a criar formas legitimadoras do poder do grande Capital", em geral, e os estrangeiros, em particular. (24)

Como agente de interligação entre as estruturas de poder do Estado, as forças produtivas e a ideologia em termos de corpo teórico, encontramos o bloco ideológico tecnocrático. Este bloco ideológico, a nossa "elite orgânica tecnoburocrática", vinculada organicamente à classe dominante, passa a desempenhar as seguintes funções:

- 1) Coesão internacional, no sentido de fazer valer o Brasil como parte único do bloco de formação capitalista ocidental;

- 2) "reprodução" dessa coesão a nível interno, defendendo os interesses estrangeiros aqui dentro;
- 3) compor a mediação entre a classe dominante e as classes subordinadas (tendo como classe dominante as três frações do capital) (25)

Como representante destes intelectuais orgânicos tivemos desde 64, os seguintes nomes: Mário Henrique Simonsen, Jarbas Passarinho, Octávio Gouveia Bulhões, Roberto Campos entre outros, que se movimentaram desde então, dentro e em volta do poder central.

É importante percebermos a ideologia pós - liberal como sendo a sombra acompanhante do Capital monopolista, e enquanto tal, fazendo parte, em termos da legitimação, da estratégia global de expansão do grande capital. E dentro desta estratégia econômica global, podemos observar as forças produtivas nacionais como sendo uma ínfima parte deste. É neste sentido, que podemos encontrar na ideologia pós-liberal, nas suas principais vertentes, valores advindos da realidade sócio, econômico e cultural do primeiro mundo. Neste sentido, assumiram os intelectuais intermediadores desta ideologia, a sua "adaptação" à nossa realidade, digo à massa da população brasileira, excluída dos frutos da maior parte da produção nacional.

O capital estrangeiro é colocado nesta concepção de mundo, como o elemento essencial para a continuidade do desen

volvimento nacional, sendo o seu maior trunfo, o monopólio de tecnologia, o que lhe preserva a estratégia global de acumulação. (26)

E será na **técnica**, ou no uso da **razão técnica**, como elemento neutro, que podemos encontrar o cerne da ideologia pós-liberal. A razão técnica, supostamente isenta de interesses pessoais, escoimada de valores, pretende situar-se "acima" dos homens, como solucionadora dos problemas coletivos. A técnica, como fruto da ciência, da pesquisa, do saber científico. Este, como a base de uma sociedade desenvolvida, em que todos poderão ascender socialmente, à medida que se criem oportunidades da formação para todos. A ênfase da ascensão, deixa de ser centrada no esforço pessoal e passa a ser centrada na aquisição do saber. Cabe ao Estado então, utilizando-se deste saber técnico, promover o desenvolvimento de todos e assim a justiça social. (27)

Juntamente com a técnica, dar-se-á ênfase na eficiência, no uso racional dessas técnicas. As técnicas e o seu manejo partem em sua maioria da realidade do primeiro mundo, sendo para o estrangeiro, ligado ao grande Capital, o uso destas, algo corriqueiro no seu dia a dia. Este fato, vem contribuir para a imagem de competência, eficiência e superioridade do estrangeiro e daqueles brasileiros ligados à ele. (questões desenvolvidas em outros capítulos deste trabalho).

A técnica como elemento neutro, e a razão técnica como liame central da visão de mundo pós-liberal, são a base sobre a qual o Estado deve diagramizar, organizar a sua estrutura e suas funções, de forma a solucionar os problemas coletivos "de

mocraticamente". O saber técnico se constitui o instrumento para o planejamento de um Estado moderno, interventor na economia, acima dos interesses de classe e em função única do bem coletivo. Daí ser a ciência, a razão técnica, o fio teórico sustentador de um "novo" capitalismo, o capitalismo social. O capitalismo deixa de ser selvagem, injusto e descontrolado para assumir uma aparência mais amena, justa. Surgem daí, novas denominações para este capitalismo: "neocapitalismo", "capitalismo misto" ou "capitalismo social", formulações ideológicas do monopolismo, como uma espécie de "novo modo de produção". Procura-se, desta forma, "ajudar a entrar a História, quanto ao possível histórico de uma sociedade socialista." (28)

A entrada do capital estrangeiro, e com ele o próprio estrangeiro, não somente inova com a tecnologia trazida do centro, como também oferece "modêlos" de eficiência organizacionais, gerenciais, o que em outras palavras referenda, como pano de fundo da ideologia pós-liberal, a visão de mundo dos estrangeiros do primeiro mundo.

O estrangeiro e a classe dominante como um todo passam a ser aceitos como tal, não somente pela sua força política e econômica, mas também, e principalmente entre outras coisas pela eficiência e força da ideologia, e da predominância deste bloco de intelectuais ligados a ambos. Nas palavras de Cobre: "aprende-se a eficácia da ideologia do grupo dominante, que subordina os outros à sua visão de mundo, embaraçando-lhes o próprio vir a ser, mantendo agora, a sua "humanidade" travada muito embora a alteração desta situação seja latente, dada a pró-

pria contrariedade do real, existente nas consciências dos homens destes grupos. A persistência da ideologia tem procedência à medida que consegue organizar essas humanidades. Não é monolítica, nem única, mas o resultado de várias diretrizes". (29)

Resumindo, espero ter conseguido localizar os dois suportes básicos da presença atual do estrangeiro aqui, ligado ao grande Capital. Uma estrutura econômica, dentro do contexto do capitalismo financeiro internacional e uma ideologia, pós-liberal, como mecanismo legitimador desta estrutura econômica-política, perante o restante, a grande maioria da população brasileira.

## REFERÊNCIAS

- (1) COVRE, M.L.M. A fala dos homens. Editora Brasiliense, 1.983, pág. 19. (de agora em diante abreviado em MLC)
- (2) MLC, pág. 279. A fala dos homens. Editora Brasiliense, 1983.
- (3) GRAMSCI, A. Concepção Dialética da História (CDH). R.J., Civilização Brasileira, 2ª Ed., 1978 pág. 16.
- (4) Idem, pág. 31.
- (5) Ver MLC pág. 281.
- (6) Idem, pág. 280
- (7) GRAMSCI. CDH, pág. 28.
- (8) Idem, pág. 32
- (9) MLC pág. 30
- (10) Idem pág. 289
- (11) Idem pág. 31
- (12) Ver a respeito dos investimentos estrangeiros no final de 60, e do colonialismo praticado pelo Brasil em relação aos outros países do 3º mundo, em: Paulo Freire, CEDAL/CEDETIM. Multinacionais e Trabalhadores no Brasil. Editora Brasiliense, 1979, pág. 12 - 13.
- (13) A respeito do "pacto de interdependência" ver MLC pág. 22.
- (14) EVANS, Peter. A tríplice aliança. Zahar 1980, pág. 30.
- (15) Ver em: GALVÃO, L.A. Marxismo, imperialismo e nacionalismo. Debate e Crítica, 6. pág. 30

(16) EVANS, citado acima pág. 44

(17) MLC, pág. 22

(18) Idem, pág. 26

(19) Idem, pág. 22

(20) Evans, citado acima, pág. 57

(21) idem, pág. 57

(22) MLC, pág. 26

(23) Idem, pág. 288

(24) Idem, pág. 292

(25) Idem, pág. 29

(26) Idem, pág. 24

(27) Idem, pág. 294

(28) Idem , pág. 296

(29) Idem, pág. 283

## CAPÍTULO 2

## SOBRE UMA ESCOLA ESTRANGEIRA

A intenção desta parte é de mostrar num local concreto, a forma de manifestação da ideologia estrangeira ligada ao grande Capital aqui. Para isto escolhi a escola como exemplo de uma instituição em que se vive, se reproduz esta ideologia. A escola visto em seu significado mais amplo, incluindo tudo aquilo que é formalmente ensinado e todo aquele universo que é transmitido, mas não necessariamente dito. Ou seja: a escola, nos termos gramscianos de "transmissão de saber, conduta, de sociabilidade e visão de mundo." (1)

Existem muitas escolas estrangeiras em São Paulo. E dentro destas, interessam-me neste trabalho, as escolas estrangeiras que incluem em seu programa o currículo estrangeiro, e que tem como clientela, pessoas ligadas ao grande capital estrangeiro atuante aqui. Como por exemplo, o Liceu Pasteur, dos franceses; o Dante Aleguieri, dos italianos; o Chapell School, dos americanos, e tantas outras particulares, servindo à elite paulistana. Quanto ao grupo de cultura alemã (incluindo entre estes, os descendentes da Suíça, Áustria, além da própria Ale-

manha), estes são servidos por várias escolas, entre elas as mais requisitadas: Escola Rudolf Steiner, Colégio Visconde de Porto Seguro, Colégio Humboldt e Escola Suíço-Brasileira de S. Paulo, todas na Zona Sul de São Paulo.

Escolho uma delas, a Escola Suíço Brasileira, como exemplo neste trabalho. Poderia também ser qualquer uma das outras. Mesmo sendo internamente bastante diferenciadas, não interessa para este trabalho, a escola vista por dentro, a visão da escola do ponto de vista dos fins propostas por ela mesma(2). O que procuro, é enxergá-la do ponto de vista de seus termos reais, externos a ela própria, as condições que comandam o seu funcionamento dentro da realidade maior, brasileira.

Ainda dentro da visão gramsciana, uma escola que possibilita seus alunos conhecer:

"o seu valor histórico,  
sua função na vida  
e seus direitos e deveres" (3)

Será a análise destes elementos que irá permear esta parte da tese. Elementos que não são aleatórios, mas consequentes, amarrados às condições externas, aos valores capitalistas predominantes, decorrentes das políticas financeiras internacionais.

Enxergando a escola a partir deste ângulo, procurarei descrever o seu funcionamento deixando claro o predomínio do caráter da mentalidade estrangeira em todos os níveis signi-

ficativos, em detrimento à pessoa e valores culturais brasileiros. Não entro no mérito da escola, não estou pretendendo um atestado de uma escola boa ou não, procuro somente localizar, descrever alguns aspectos, de como o estrangeiro vive a nível de escola, dentro da realidade nacional.

Antes de entrar na descrição propriamente dita, gostaria de fazer uma ressalva quanto aos dados usados. Os dados são referentes ao período de 81 a 83, sendo que atualmente alguns números podem ter-se modificado, o que me leva a trabalhar sempre com quantidades aproximadas. Não vejo problemas nesta atitude, uma vez que não interessa a quantidade exata das comparações, mas sim, a existência da própria comparação em si.

#### SURGIMENTO DAS ESCOLAS ESTRANGEIRAS

O surgimento das escolas estrangeiras no 3º mundo, está geralmente ligado a duas "fases distintas", assumindo por isto, objetivos e formas diferenciadas de existir. A 1ª fase esta ligada à expansão, migração espontânea de grupos de estrangeiros ao 3º mundo. Daí surgiram escolas com o propósito de conservar, dar continuidade ao "espírito", aos valores culturais dos países de origem. Grupos ambientados no estrangeiro, sem perspectiva de uma volta definitiva às origens. Em termos da Suíça surgiram, nesta leva, 9 escolas. (4)

A segunda leva, está relacionada não mais à emigração de grupos individuais, mas grupos levados pela expansão de capitais para o 3º mundo. Esta expansão nada mais é do que a expansão do capital monopolista na forma concreta de multinacionais que começam a povoar o mapa do 3º mundo. Como exemplo, no caso suíço, houve a expansão intercontinental de seus grandes grupos, entre eles: a Nestlé, Ciba-Geigy, Hoffmann La Roche Brown Boveri, Sandoz, Sulzer, Eternit entre outras. (5) Essa expansão contribuiu para o surgimento de novas escolas suíças no exterior, totalizando 19 escolas. (somente as suíças, só alemãs, são 115 escolas). (6)

A escola Suíço-Brasileria de S. Paulo (7) é fundada em 1966, 2 anos após o golpe de 64, exatamente neste contexto. É útil transcrever uma de Maria de Lourdes Covre em que deixa muito claro o encaixe do surgimento e formação desta escola no contexto maior: "As multinacionais não são só a expressão do capital monopolista, e sim a forma como ele se organiza, o seu desdobramento de matriz e subsidiária, em que as decisões estratégicas são tomadas no centro, nas matrizes, e mesmo as concebidas fora do centro têm de ser referendadas por estes. (8) Como veremos adiante, a escola se coloca exatamente nestes termos. A escola foi fundada por um grupo de dois tipos de suícos: aqueles que já viviam anteriormente em São Paulo, e outros que estavam de passagem, em decorrência da contratação de alguma multinacional. (9)

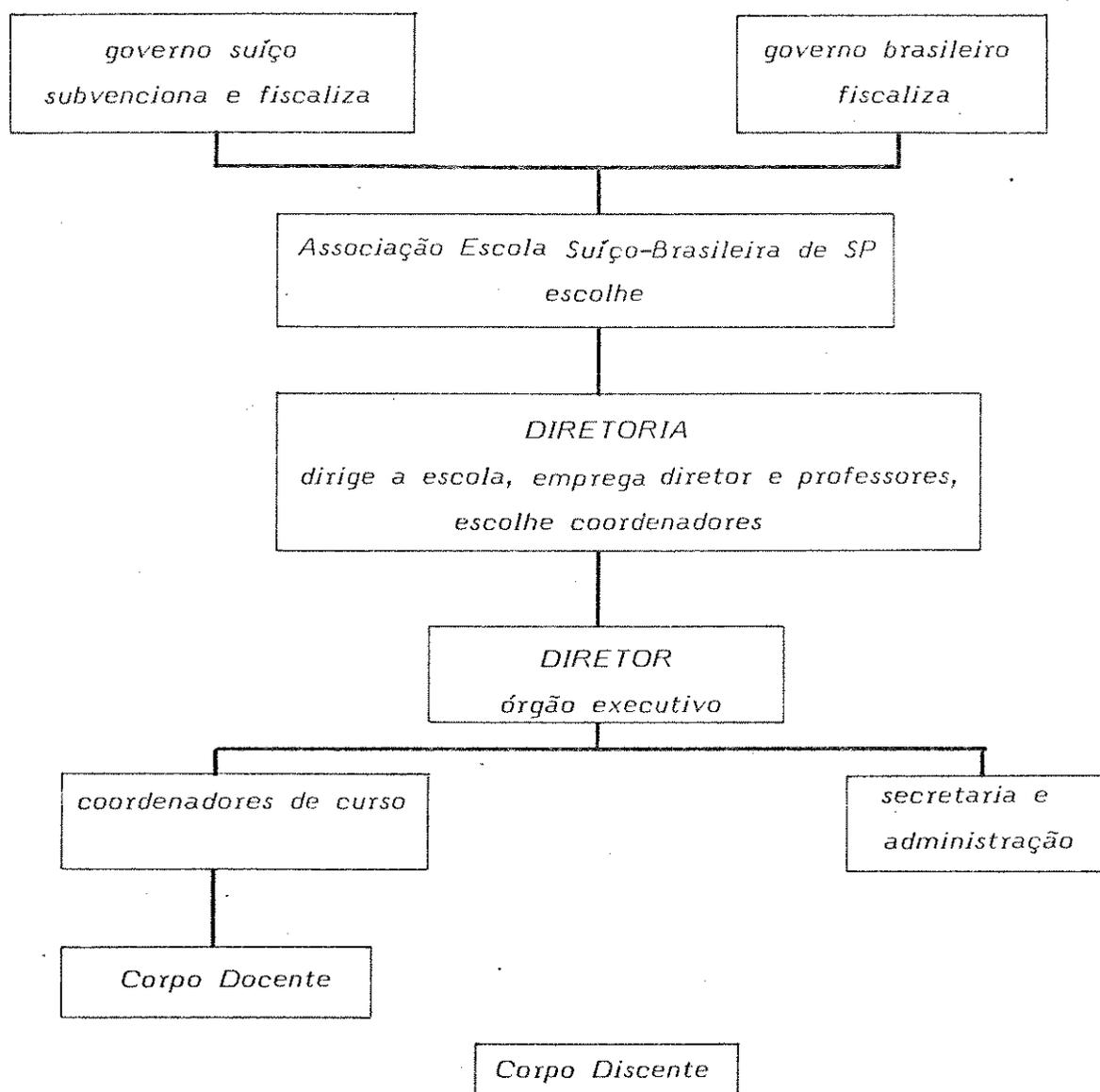
A necessidade da escola não se situava mais somente a nível pessoal dos emigrantes, mas em decorrência do capital estrangeiro. A escola supre duas necessidades:

1. Como exigência dos quadros profissionais trazidos de fora, que passam somente uma quantidade de tempo pré-fixado no país. Para estes é necessário que haja uma escola que dê continuidade à formação das escolas da Suíça, para que os filhos possam ser readmitidos sem prejuízos na volta da família à Suíça. Para isto, a escola, aqui, necessita do reconhecimento legal por parte das autoridades Suíças, estabelecendo-se assim um vínculo formal entre a escola e o governo de lá. Vínculo este, extremamente importante, que permeia e caracteriza a escola, do conteúdo à forma de ser.

2. A escola supre, em segundo lugar, a necessidade de mão de obra própria, nacional, às multinacionais. Os alunos que saem da escola suíça são, em sua maioria, pessoas extremamente bem capacitadas. (não só da escola suíça, mas também das outras estrangeiras ligadas ao grande Capital). Pessoas que passam a viver no Brasil, utilizando-se essencialmente da mentalidade, do referencial externo trazido de fora. Ex-alunos, geralmente com nacionalidade dupla, que vivem e defendem os interesses estrangeiros como o exigem as multinacionais.

A seguir, para melhor compreensão do todo da escola, o organograma simplificado de sua estrutura (10).

## ORGANOGRAMA



A instituição escola Suíço-Brasileira de São Paulo, ou o empreendimento suíço como ela mesmo se apresenta, (11) tem vínculo direto com os dois governos: o suíço e o brasileiro. No caso do brasileiro, a escola cumpre a legislação federal, para que possa funcionar como outra escola particular qualquer. O governo brasileiro, através das autoridades competentes tem como vínculo fiscalizar o cumprimento do programa, do corpo docente e da administração (12) ao contrário do que acontece em relação ao governo suíço. Este, através de uma legislação própria para as escolas situadas no exterior, fiscaliza também, mas subsidia uma quantidade razoável para o seu funcionamento. E pagando, como diz o folheto publicado pela escola, passa a exigir e ter direitos. (13)

Através de uma portaria do Congresso Suíço de 2/9/81, o governo suíço paga praticamente a metade dos custos operacionais da escola (14), participa financeiramente na concentração do professorado suíço, manutenção e ampliação escolar, e com uma taxa de auxílio aos alunos de nacionalidade suíça. A lei suíça abrange principalmente o modo de existir da escola, a sua estrutura, e dentro disto a segurança contratual dos professores trazidos de fora. Um **vínculo decisivo** para a escola: independentemente dos que trabalham e dirigem a escola, a estrutura permanece a mesma. Conforme a portaria mencionada acima, a escola é obrigada a remeter relatórios anuais às autoridades suíças prestando contas, esclarecendo o seu funcionamento e eventuais mudanças. (15) No caso desta escola, há poucas desavenças entre as duas partes, uma vez a diretoria ter condições financeiras

para custear frequentes idas à Suíça (de férias ou a negócios) e manter assim vivos os contatos pessoais com as autoridades de lá.

Já a organização prática da escola, está a cargo da própria escola, ou seja, de sua associação, diretoria, diretor e corpo docente. (16) Voltarei a esta questão do vínculo com o governo suíço mais adiante. A associação conta aproximadamente com 200 associados, em sua maioria estrangeiros com predomínio de nacionalidade suíça. A associação tem como finalidade eleger a diretoria da escola através de eleições e de acompanhar a escola no sentido de resguardar as finalidades desta, de terminadas por lei. (17) A diretoria da escola geralmente é composta por empresários suíços de nível médio e alto. (18) Juntamente com o diretor, que tem de ser pelo menos de nacionalidade suíça, esta diretoria dirige a vida escolar. A troca de poder da diretoria (pelo menos até 83) geralmente ocorreu após 2 ou 4 anos, sem grandes interrupções, por ser um jogo de cartas marcadas: são introduzidas pessoas do mesmo meio e mentalidade e que basicamente dão continuidade ao trabalho previamente existente.

Esta colocação se refere àqueles que estiverem olhando a escola de fora deste meio para dentro. Olhando para dentro do que se passa numa colônia de aproximadamente 4000 suíços, onde é claro que não há um grupo totalmente homogêneo, parece-me existirem dois grupos predominantes: os suíços antigos, mais ligados ao pequeno e médio capital, com uma visão mais purista, conservadora, e do outro lado, um grupo mais ligado à ideologia pós-liberal do grande Capital, como pensamento "am -

plo", "horizonte longínquos" conforme as suas próprias palavras. Dependendo desta composição dentro da Associação, é que a escola se direcionou mais para um ou outro lado (chegou a haver um período de disputa, de crise (19), mas normalmente predomina o segundo grupo).

O diretor representa o órgão executivo da escola, a ele estão subordinados a secretaria e administração por um lado, e o corpo docente (40 ao todo) com os seus coordenadores, por outro. O corpo discente varia em aproximadamente, 450 alunos.

Pois este é o esqueleto formal da escola, o que provavelmente não diferencia em muito de outra escola qualquer brasileira ou não. Mas o que a diferencia fundamentalmente das outras escolas não estrangeiras é a maneira, a forma estrangeira de existir da escola.

Um esclarecimento muito importante: Quando digo estrangeiro, geralmente estão incluídos os seus descendentes também.

Qual o significado de uma escola estruturada desta forma?

A nível individual, de pessoa, a legislação brasileira não permite a dupla nacionalidade, tão comum entre a maioria dos estrangeiros deste meio. (Em alguns países da Europa, recebe-se a nacionalidade por herança, e não necessariamente por local de nascimento). Mas a nível institucional, não há restrição prática: tanto que estas escolas continuam a adotar a "dupla nacionalidade."

A escola é constituída basicamente por estrangeiros: um terço de suíços natos, um terço de suíços descendentes e um terço de outras nacionalidades. O brasileiro ocupa uma posição abaixo dos 10% (em valores aproximados).

Estou saindo agora do aspecto de constituição legal da escola e partindo para o que efetivamente ocorre nela.

A escola localiza-se no centro da Zona Sul paulistana, zona privilegiada pelos numerosos bairros estrangeiros de classe média, nos quais a densa poluição das indústrias de Santo Amaro é disfarçada por casas vistosas, avenidas largas e fartamente arborizadas. Todos os postos-chaves da escola estão nas mãos de pessoas suíças que, a meu ver, conhecendo a problemática nacional, analisam-na através da ótica, da lógica européia, e privilegiam soluções políticas, econômicas e culturais condizentes com esta ótica, agindo em última instância, em benefício desses interesses de fora, estrangeiro. Sem este pano de fundo, a escola não seria o que é: o seu corpo docente e discente, os critérios de orientação, a sua manifestação cultural, as línguas que assume, o vínculo com as indústrias, enfim, uma escola que se constitui num braço, numa península, entre muitas outras de uma ilha maior, que é o espaço estrangeiro na Zona Sul de São Paulo.

Uma vez tendo caracterizado o funcionamento geral da escola, procurarei mostrar alguns aspectos desta estrutura, com o intuito de exemplificar, na prática, a preponderância do uso do referencial externo à nossa realidade.

## SOBRE OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Ante a pergunta formulada em seu folheto de propaganda "É a escola, ao menos elitista", o próprio folheto responde demonstrando a sua postura ideológica, humanista e universal escamoteando o que realmente ocorre. A resposta dada no próprio folheto: "Por que isto? A escola deve estar igualmente a serviço de todos. E não apenas de uma classe de privilegiados"! A escola não parece selecionar abertamente, não exige comprovante de renda, além de oferecer ainda algumas bolsas de estudo!

Neste sentido não parece haver qualquer barreira à entrada de qualquer aluno. Engano! Exatamente por ser o que é, dispensa maiores rodeios para afastar pretendentes indesejados. Estes não se situam necessariamente no plano econômico, mas principalmente no plano cultural. Explicando.

As mensalidades, comparadas com outras escolas estrangeiras, são até razoáveis, mas comparadas, no melhor dos casos, com os rendimentos de classe média baixa, (que poderia eventualmente aspirar por um ensino deste nível, as outras nem pensam nisto), para esta classe de renda, as mensalidades estão fora de qualquer possibilidade.

Os alunos destas escolas estrangeiras, não são de se misturarem em meios e pessoas não estrangeiras (brasileiros sem descendência européia). O tipo de vestimenta é outra, onde predomina como valor máximo, aquilo que foi trazido "de lá" como dizem, da Suíça, Alemanha, etc. O lazer é usado em aulas de tê-

nis, natação, música, e não raro em iatismo nos clubes frequentados predominantemente por estrangeiros, sempre os mesmos. No início dos anos letivos, são comuns os relatos de viagens à Europa, dentro de um clima de muita normalidade. Dificilmente chegam a usar o ônibus de rua como locomoção, desconhecendo o convívio regular com pessoas da rua, fora do seu meio, não tendo contato por exemplo com os dramas do transporte coletivo, um problema de milhões de brasileiros.

Outro fator importante de integração é o fato do estrangeiro (e seus descendentes) neste tipo de escola, difícilmente terem acesso irrestrito à televisão. A televisão, (que é vista como algo maléfico para a formação da criança) é restrita a certos horários ou dias, sendo que ocupa um poder restrito na socialização das crianças. Em seu lugar, são colocadas leituras e brinquedos. Este fato diferencia em muito o tipo de cultura interno à escola, em relação às outras escolas brasileiras. Diferencia porque não ocorre somente à nível individual, de uma criança, mas ocorre em bloco, num grupo social como um todo: naquele espaço os heróis são outros, não são os da televisão, contrapondo-se ao restante do contexto brasileiro (Como ex.: a Xuxa e tudo ligado a ela, é pouco conhecido neste meio). O tipo físico característico deste meio (loiros, olhos e pele clara), mostra como os alunos compõem um grupo bastante homogêneo. Difícilmente são encontradas crianças que não estejam em ótimas condições físicas, mesmo porque a escola, cumprindo os dois programas de ensino, exige uma capacidade de concentração, absorção e trabalho, somente exequível em ótimas condições físicas.

Por isto tudo, alto custo do ensino (não somente a mensalidade em si, mas aquilo que as crianças passam a aspirar a partir do contato com as outras deste meio), pelos aspectos culturais diferenciadores, desde a vestimenta, dos hábitos de leitura e televisão, até as condições físicas, passa a haver uma real **seletividade**. Uma seleção natural que proporciona a uma quantidade privilegiada de alunos, o acesso à escola, ficando portanto, não aberta a serviço de todos, como colocado em seu folheto. Existem casos em que crianças de outros meios começam a frequentala: como, nesse caso, a sua educação não se adapta com o que vigora na escola, esta depois de algumas tentativas e conversas com os familiares, os encaminham para outras escolas. Demonstrando assim por tudo que foi mencionado, um processo de seleção não explicitado, mas assumido no dia a dia da escola.

#### SOBRE O CORPO DOCENTE

Um dos objetivos desta escola, é de realmente ser uma boa escola em termos de informação e formação de seus alunos. Para isto a escola dedica uma atenção especial à admissão de seu corpo docente. Os professores são escolhidos a dedo. Tanto os brasileiros como os contratados na Suíça. Em termos quantitativos, os professores brasileiros estão na maioria, mas qualitativamente predominam as atividades dos professores suíços. As

matérias de pêsso (ideológicamente) estão nas mãos dos professores de fora, sendo os professores de Educação Física, Educação Moral e Cívica, e outras secundárias, nas mãos dos brasileiros. Confirmando esta atitude, é o fato dos tres coordenadores existentes na escola a serem professores suíços! (20) As diferenças entre ambos os grupos não são muito acentuadas, na medida em que possuem uma mentalidade bastante semelhante. Os professores brasileiros são introduzidos na mentalidade da escola, familiarizados com os valores culturais e a visão de mundo predominantes, lá. E com esta intenção, a escola incentiva os professores a fazerem cursos de aperfeiçoamento na Suíça, para melhor atendimento desta mentalidade. Os salários de ambos os grupos são diferenciados: o grupo suíço recebe o salário vigente na Suíça, e o brasileiro o salário vigente aqui. Os brasileiros são, em termos de Brasil, relativamente bem pagos. É de interesse da escola que o professor não assuma outras atividades paralelas. Ao contrário de outras escolas deste nível, a escola Suíça tem procurado dar uma atenção diferenciada, dependendo da faixa etária. No primeiro grau a preocupação é predominantemente voltada para o aspecto formativo da escola, o que começa a ser invertido, à medida que a criança alcança o 2º grau: neste predomina a intenção de dar uma boa base informativa.

Como exemplo da profundidade das intenções da escola aos alunos, transcrevo um parágrafo escrito, em 1982, pelo então presidente da escola (21):

"Nós precisamos capacitá-los (os alunos) a resolverem os seus problemas futuros autônômamente... Para isto quere-

mos desenvolver no aluno a coragem e a motivação na atividade própria para a capacidade de renovação e criatividade, para o abandono de estruturas de pensamento envelhecidas".

Este parágrafo, tão nobre que possa parecer, tão relativo passa a ser considerado quando inserido dentro de um contexto real concreto. Explicando: a criança não sofre os problemas reais mais urgentes do país; seu contato direto praticamente inexistente (a não ser através de "temporada de ajudas sociais" (22) e campanhas sociais). A consciência crítica, o desenvolvimento do espírito crítico, é válido dentro dos limites da ideologia vinculada ao grande Capital, inexistem críticas estruturais, e sim, críticas conjunturais, na forma de viver e trabalhar. Uma visão de mundo dentro do universo da ideologia pós-liberal, como demonstrado nos trabalhos escolares do 2º grau e as revistas publicadas pela escola. As soluções que são propostas, partem do referencial de fora, da realidade européia. Organiza-se um meio escolar que pretende preparar a criança para a vida social, mas não reflete os conflitos sociais e nacionais, conflitos que estão diretamente ligados à existência mesmo destas escolas, da maneira de existir e atuar destes estrangeiros aqui no Brasil, conforme procurarei detalhar mais adiante.

## SOBRE OS CRITÉRIOS DE ORIENTAÇÃO

Os critérios de orientação de uma escola são uma peça essencial para o entendimento da mensagem escolar. Os critérios nem sempre são explícitos para quem estuda, escolhe ou se aproxima de uma escola. Estão nos bastidores, nas entrelinhas das atitudes escolares como um todo. Para mim neste trabalho, constituem-se numa categoria chave para fazermos a ligação entre o que ocorre dentro da sala de aula e o seu significado fora dela, na sociedade brasileira.

Quanto à questão destes critérios de orientação, o folheto publicado pela escola responde a questão da seguinte forma:

"Critérios são os planos de ensino vigentes na Suíça". Planos que abrangem o sistema pedagógico de ensino, segundo os métodos mais modernos vigentes. Planos que se adaptam aos comunicados do Departamento de Ensino da Cidade de Basileia que assumiu o compromisso de nos ajudar. Planos que, finalmente atendem ao que desejam os Professores que se engajam conosco, depois de terem obrigatoriamente lecionado na Suíça, estando assim sempre bem atualizados". (23)

Antes de prosseguir, talvez seja útil lembrar, que o uso dos planos suíços de educação é uma das condições para que a escola seja reconhecida pelas autoridades suíças, e que a partir disto, receba as subvenções concedidas às escolas no exterior.

Primeiro procuro fazer algumas colocações sobre a origem dos planos educacionais em geral, passando para o significado do uso de planos estrangeiros em escolas, dentro da realidade brasileira.

Todos os planos educacionais (e dentro destes, os critérios de ensino), tem a sua origem ligada a uma reforma educacional. As reformas educacionais geralmente ocorrem para adequar a mensagem escolar, o ensino a novos objetivos, a novos momentos históricos. Pode-se tratar de uma mera atualização, sem mudanças estruturais, como também podem ocorrer reformas profundas nos planos de ensino, dependendo da mudança de regime de governo, ou seja, mudanças da direção política, dos interesses e visão de mundo dos que assumiram o poder. Os planos de ensino terão portanto, como referência a forma pela qual a sociedade se encontra estruturada, sendo produto daquela conjuntura histórica. Ou seja, os planos de ensino são históricos, dependem do modo de produção vigente, e dentro deste dos objetivos dos grupos dominantes no poder.

Podemos exemplificar, para esclarecimento, através de nosso ensino atual. Neste caso, um ensino que tem as suas origens no golpe de 64, no qual se fez uma reforma de ensino tendo como base os acordos MEC - USAID. Uma estrutura de ensino, atual, que reflete os interesses, valores e visão de mundo, ou seja, a ideologia da classe dominante, dos militares e tecnocratas que se estiveram no poder desde então. (24)

Não há dúvidas de que o uso da língua alemã seja um dos veículos mais concretos e importantes da mentalidade es-

trangeira. E dentro desta perspectiva, a escola formalmente declara a língua estrangeira como sendo de grande valor . (25) O alemão na escola é quase tão corrente como o português em outra escola brasileira; É usado no dia a dia pela grande maioria de estrangeiros dentro da escola como veremos através de sua composição: (o significado do uso da língua estrangeira será analisado no próximo capítulo):

- na associação predominam suíços
- a diretoria e o diretor são todos suíços
- no corpo docente predomina a nacionalidade brasileira, mas muitos entre estes, são descendentes de europeus. (26)
- no corpo discente são aproximadamente 90% de estrangeiros (os brasileiros com menos de 10%)
- na administração (por volta de seis) maioria estrangeiros ou descendentes destes.
- somente nos funcionários de manutenção, vigilância e limpeza predominam 100% de brasileiros.

A nível de sala de aula o alemão é utilizado diferentemente: a escola mantém no 1º grau, duas classes, numa das quais o alemão é utilizado como língua secundária e noutra como língua materna. Para o 2º grau, o aluno tem de possuir perfeito conhecimento da língua alemã, como condição de frequentar o curso, sendo portanto a entrada reservada para este restrito grupo.

Tendo estes números como pano de fundo, fica fácil percebermos a formação estrangeira deste meio escolar, onde os planos de ensino suíço representam um alongamento, uma continuidade das vivências, expectativas e visão de mundo, das pessoas que se engajam na escola.

Vale a pena não eixar passar em branco a forma física assumida pela escola, uma vez que contribui fortemente para a coerência, a hegemonia desses valores estrangeiros neste pedaço de chão. Deixando de comparar a escola com as outras estrangeiras da região, mas colocando-a ao lado de uma escola brasileira típica desta mesma região, a escola apresenta números significativos: 13.500 m<sup>2</sup> de área total, com 5.100 m<sup>2</sup> de área construída disponível, para o ensino e recreação (27). Edifícios bastante coerentes com o tipo de construção predominantes nos bairros estrangeiros que rodeiam a escola. O projeto foi elaborado por um escritório de um engenheiro suíço também, (28) no qual predominam elementos tão comuns naquela região: construções sólidas, com predominância de linhas retas e formas simples, espaços amplos com materiais rústicos (madeira, concreto à vista, etc.) conjugados com muita luz e plantas.

Espero ter conseguido dar a idéia de como aquilo que se encontra em volta dos planos suíços de ensino na escola, faz parte de um todo bastante coerente. Engrenagens perfeitamente adaptadas, significando um bom funcionamento escolar, e para o que me interessa neste trabalho, um meio importante de produção, reprodução de vivência, visão de mundo, enfim da ideologia estrangeira, dentro do espaço brasileiro.

Feitas as considerações sobre o contexto no qual estes planos se encaixam, passo para o significado intrínseco de seu uso. Não para o mérito deste ou daquele método, mas somente para alguns aspectos, cujos significados nos remetam novamente para a sociedade brasileira em geral.

Com este fim, remeto-me ao material didático utilizado.

Utilizar critérios e planos educacionais de fora significa a utilização de material de apoio também vindo de fora. O material didático (englobado todos eles) é o elemento formal que veicula ao aluno de forma mais concreta, todas as diretrizes estabelecidas nos planos de ensino. O material, e a partir dele as condutas dos professores que direcionam a formação do aluno, direcionam não só pelo que está escrito, e pelo que é comentado e ensinado, mas muito por aquilo que está ausente, pelo que cala, pelo que nega, seleciona e recusa. Procedimentos marcados por exemplo pelas tonalidades de voz, através do tipo de brindes em atitudes competitivas, pela postura implícita, de que aquilo que vier de fora é inquestionavelmente melhor, e, conseqüentemente, o silêncio, o não pronunciamento daquilo que vier daqui é automaticamente pior, são algumas entre tantas outras atitudes usadas durante o estudo de uma lição por exemplo.

São mensagens contidas no material que dizem respeito direto ao estado mais geral de desenvolvimento tecnológico/científico por um lado, e por outro, econômico, político e social da Suíça (como sendo uma realidade do 1º mundo). O mesmo acontece com os mapas e livros didáticos (29) e seus métodos de

uso, e principalmente, nos laboratórios de física, química e biologia. Os aspectos quantitativos e qualitativos destes materiais nos laboratórios, assumem um papel essencial, tendo em vista a escola ser frequentada por alunos de classe média alta para cima. Alunos que procurarão seguir carreira predominantemente na área urbano-industrial, como engenheiros e empresários. Laboratórios adequados não às exigências nossas, mas condizentes à realidade tecnológica/científica da Suíça, portanto em muito diferenciada do ensino médio brasileiro. Os professores por sua vez atuam neste nível de expectativa. A escola procura dar incentivo para a continuidade formativa de seu corpo docente (30), não somente em termos de conteúdos técnicos, mas principalmente em termos de formação geral. Os professores são escolhidos a dedo, e pelas palavras do então presidente da escola, "são escolhidos aqueles que tenham uma linha clara de atuação, que vá de encontro com a da escola". Aos professores brasileiros é incentivada a ida de um deles por um ano, para um curso de férias de 2 meses na Suíça, para justamente melhorar o entendimento do "espírito da escola" (31).

Cumprindo a escola os dois programas de ensino, passa a ocupar uma carga horária bastante extensa, funcionando portanto como um funil. Explicando:

A escola é muito exigente e são poucos que chegam ao topo da pirâmide, ao final do 2º grau. Mas estes que chegam lá, constituem-se, geralmente, num grupo bastante homogêneo. Conseguinte percorrer 12 anos dentro destes padrões, é quase uma norma sem exceções, passar direto para a universidade.

Procurar-se-ão universidades "sérias", geralmente onde predomine o "racionalismo, tecnicismo" em detrimento do "político") levados por grupos ligados ao grande Capital. (32) Não se trata mais de ensino crítico como fora proposto, mesmo sob termos diferentes, pela ESB-SP. Na universidade esta postura crítica assume um tom "subersivo". Junta-se a este critério, outro: procurar-se-ão as universidades frequentadas pelos pais, em presários conhecidos deste meio, universidades que deram "status" a estas pessoas, predominantemente, em multinacionais como a escola de engenharia ETH de Zurique e de St. Gallen, no caso de Economia e Administração. Universidades que são julgadas não pelo seu valor internacional em termos de produção científica, mas em termos de experiência e formação pessoal dos representantes deste meio social. Em termos de Brasil, são procuradas a POLI-USP, FGV-SP, seguidas pelo Mackenzie, Faap, etc.

Os alunos, tendo vivido dentro de um meio em que sempre foi privilegiado a visão de mundo estrangeira, tanto no meio físico (materiais), como a nível de discurso, passarão a utilizar este mesmo referencial, europeu no caso, na atuação profissional, preenchendo uma das necessidades mesmo da existência da ESB-SP: atuar nos quadros do 1º escalão de empresas multinacionais no Brasil. Profissionais, que apresentam exatamente as qualificações desejadas por este tipo de empresas: (33). "jovens", "altos", "fortes" e "claros", que conhecem o exterior, dominam vários idiomas, sabem comportar-se "adequadamente ao meio" "seguros" e "desembaraçados", detêm um "bom conhecimento" do contexto econômico político europeu e americano, enfim, jovens

disciplinados, que "sabem o que querem", e o que querem deles, e como "subirem na vida".

A formação do ex-aluno dentro desse contexto no Brasil e a sua formação universitária no estrangeiro, farão com que continue a buscar, privilegiar, durante a sua vida profissional, informações vindas de fora, da realidade do 1º mundo e trabalhando aqui, procurarão as soluções lá fora, em detrimento ao processo de desenvolvimento de dados internos nacionais. Desta forma, dão continuidade, através da sua vivência e prática profissional, aos valores culturais trazidos de fora, aos grupos estrangeiros do 1º mundo, enfim, à reprodução do grande Capital.

Sintetizando o exposto até aqui, procuro amarrar esta parte com um exemplo bastante elucidativo de tudo que foi descrito acima. Faço um resumo de um artigo publicado na revista alemã "Der Spiegel" nº 42 de 17/10/83 sobre a região amazônica. Gostaria de realçar e situar através deste exemplo publicado, todo o contexto colocado até aqui, ou seja, a nível individual, a reprodução do uso da mentalidade estrangeira do 1º mundo dentro de uma multinacional, e a questão de soberania nacional, na busca de informações e dados vindos de fora e idos para fora, sem controle nacional.

Trata-se da Fazenda Cristalino, com 139.392 hectares, pertencentes à Volkswagen do Brasil. Um empreendimento que como outros, como o gigante de química, a Du Pont, o grupo francês Saint Gobain, assumiram com "espírito pioneiro", subsidiados pela SUDAM (com o versinho "de um, faça quatro") "desbravar a

mata" amazônica, transformando 3,8 milhões de hectares em pasto! (pg. 236). A fazenda Cristalino tornou-se o empreendimento modelo pela SUDAM. A repórter alemã Mariane Barth é bem recebida na casa de visitas. Na fazenda trabalham 312 funcionários com 700 dependentes, o restante são boias-frias trazidos pelos "gatos". A escolha da fazenda leva o nome do presidente da Volkswagen : Wolfgang Sauer, que visita a fazenda uma vez por ano, esperando algum lucro para o início dos anos 90. (pg. 237) O engenheiro agrônomo suíço responsável pela fazenda, confere no gado (39.500 cabeças) e nos pastos (320), os planos elaborados pelos computadores na matriz da Volkswagen, em São Paulo. Este engenheiro, um "criador de gado", que se torna a cada 2 semanas um executivo de terno e gravata, transita normalmente entre os altos escalões da agência central da Volkswagen em São Paulo, à 2.200 km. (pg.237) Exibindo um chapéu enfeitado com um lenço suíço, o agrônomo "se guarda do contato direto com os empregados (...), ocupado demais para disciplinar os seus empregados acostumados a brigas com facas". São suas as palavras: "tendo a vida humana tão pouco valor, como vou ensinar a este tipo de gente a lidar melhor com o gado?" (pg. 238)

Cada animal é registrado e seu peso controlado mensalmente, procurando selecionar os que apresentarem melhores condições para reprodução. Continua o texto na pg. 238: "Sob a assistência veterinária das escolas superiores de Hannover (Alemanhã) e Zurique (Suíça), o agrônomo procura atingir o peso ideal europeu, nas condições tropicais do Brasil."

O gado é abatido num dos maiores frigoríficos da América Latina, construído pela Volkswagem e mais 14 empresas, no meio da selva amazônica, a 70 km da fazenda Cristalino. Daí a carne é transportada por caminhões frigoríficos até São Paulo, onde é embarcada para o Mercado Comum Europeu e os Estados Unidos" (pg 239)!!!

Gostaria de fazer apenas quatro referências ao texto citado:

1. Dadas as descrições, não é muito difícil associar este engenheiro agrônomo, formado pela ETH (anteriormente mencionada) à Escola Suíço-Brasileira de São Paulo. O seu nome consta na lista da associação mantenedora da escola ! (34)

Como também tem 2 filhos estudando na mesma (dados de 83) (35)

2. A maneira como se refere às pesoas da região, os empregados, desconhecendo completamente a sua cultura; caracteriza bem a conveniência em trabalhar naquele meio assumindo os interesses de uma empresa multinacional como sendo também os seus. (Questão que será aprofundada a seguir , na parte sobre violência cultural)

3. E dentro deste contexto, com este tipo de formação, privilegia as informações e soluções de fora, procurando resultados a partir de referenciais trazidos de fora. (Questão de segurança nacional retomada no final do trabalho).

4. No dia 15/05/81 este agrônomo dá uma palestra sobre "O projeto de desenvolvimento da Amazônia", dentro da Escola Suíça, em alemão, como fazendo parte do programa cultural oferecido pela escola!

## REFERÊNCIAS

- (1) TAVARES de Jesus, A. A educação como hegemonia no pensamento de Gramsci. Tese de mestrado, Fac. Educação, Unicamp, 1985, pág. 143.
- (2) A autora estudou nas escolas Rudolf Steiner e Porto Seguro. Quanto à Escola Suíça conheceu-a sob vários aspectos: como aluna, sendo colega dos alunos desta escola enquanto estudava nas escolas acima mencionadas. Do ponto de vista de pais, pôde conhecê-la participando das reuniões de pais pelo seu irmão menor. Além de participar de palestras e cursos livres oferecidos pela "Academia Suíça" na Escola. A nível de Diretoria deve seu conhecimento ao facto de ter sido filha do presidente da escola durante os anos de 79 - 83. O que possibilitou o acesso às informações sobre a escola.
- (3) TAVARES de Jesus, acima mencionado pág. 143
- (4) Caderno Especial do diário suíço "Der Tagesanzeiger", 1983, pág. 5 ("Ausländerschulen unter der Lupe" Sonderdruck, 1983).
- (5) FREIRE, P. Multinacionais e Trabalhadores no Brasil. Ed. Brasiliense, 1979, pág. 38.
- (6) Caderno Especial "Der Tagesanzeiger", pág. 5 a 64.
- (7) De agora em diante ESB-SP ou somente escola suíça.
- (8) COVRE, M.L.M. A fala dos homens. Editora Brasiliense, 1.983, pág.24.

- (9) Caderno publicado pela escola "História da ESB-SP" em alemão como trabalho semestral dos alunos do colegial, 1983, pág. 24.
- (10) Caderno "História da ESB-SP". pág. 58 . Ver anexo 1.
- (11) Folheto "Que escola é esta?" publicação da escola com informações gerais sobre a mesma pág. 1 capa.
- (12) Caderno "História da ESB" - SP? pág. 23.
- (13) Folheto "Que escola é esta?" pág. 4.
- (14) Idem, pág. 4
- (15) Portaria do Congresso Suíço de 2/9/81. (2ª cap., 1ª parte, artigo 5)
- (16) Folhetos "Que escola é esta?" pág. 4
- (17) Idem, pág. 3
- (18) Caderno "História da ESB - SP" pág. 75
- (19) Idem, pág. 24
- (20) Caderno "História da ESB - SP", pag. 39
- (21) Idem, pág. 60
- (22) Caderno "História da ESB-SP" pág. 35 sobre os acompanhamentos dos alunos organizados pela escola.
- (23) Folheto "Que escola é esta?" pág. 5  
Esclarecimento. Cada escola suíça trabalha com planos vindos de um departamento de alguns "cantões", estado suíço, no caso da ESB - SP é o estado da cidade de Basiléia.
- (24) Ver a respeito: CASTANHO, Sérgio E.M. Política Cultural: reflexão sobre a separação entre educação e cultura no Brasil. Tese de mestrado, Unicamp, 1987 página 86 a 109.

- (25) Caderno "História da ESB - SP", pág. 35 a língua entendida por mim aqui, como "o valor maior de um povo, pois todos os aspectos de sua cultura nela se englobam tornando-a assim, expressão de sua identidade étnica" Loreta Emri Dicionário Yânomané, mencionado no Jornal em defesa da causa indígena Porantim de 08/87.
- (26) Caderno "História da ESB - SP"pág. 35.
- (27) Folheto "Que escola é esta?" pág. 4
- (28) Caderno "História da ESB - SP". pág. 15
- (29) Idem, pág. 24 a 35
- (30) Entrevista com Sr. Studer, então presidente da escola, fev. de 1982.
- (31) Idem
- (32) Sobre o conceito de tecnicismo e nacionalismo ver:COVRE, Maria de Lourdes M. A fala dos Homens. Ed.Brasiliense, 1979, pág. 292/293.
- (33) Empresas em que trabalha aquele ou o tipo daquele empresário atuante na associação, na diretoria da ESB - SP. Empresário que coloca os seus filhos neste tipo de escola, garantindo a sua continuidade de, a com ela a reprodução do capital.
- (34) Caderno "História da ESB - SP", pág. 59.
- (35) Idem, pág. 62

### CAPÍTULO III

### SOBRE A VIOLÊNCIA CULTURAL

## AUSLAND



## Schuldner-Rebellion in Lateinamerika

Das Sicherheitsnetz, das Großbanken, Internationaler Währungsfonds und Regierungen zur Bewältigung der internationalen Schuldenkrise knüpften, ist rissig ge-

worden. Die Argentinier suchen die Machtprobe mit dem Währungsfonds, immer weniger Schuldnerstaaten wollen sich wirtschaftlichen Zwangsaufgaben beugen.

PORCOS COITADOS!...

... eles levam os nossos mais belos monumentos ao desmoronamento (\*)

(\*) Artigo sobre a "rebelião dos devedores na América Latina"

Semanário alemão "Der Spiegel" de 25/06/84

Vivemos num país de semiperiferia ocidental, no qual as "garras" do capitalismo financeiro "emendou" os nossos espaços econômicos aos resantes do planeta. Estamos sob a vigência de um novo imperialismo onde aparentemente deixaram de existir as fronteiras nacionais e com eles a autonomia e soberania nacionais.

Mesmo com todo este processo de internacionalização da economia, podemos enxergar através de toda esta malha de interêsses e relações, alguns pontos apenas, que constituem os centros, de decisões da maior parte das questões econômicas ocidentais. Podemos deduzir a partir daí, que:

Se a autonomia "nacional", via o desenvolvimento das estruturas econômicas teve um enfraquecimento, é porque, a níveis regionais, a questão se tornou mais acentuada e aguda.

Sem dúvida, as estruturas econômicas transformaram-se, mas o peso decisivo dessas continua no-primeiro mundo. Neste sentido, recoloco a questão do estrangeiro, (ligado ao primeiro mundo, ao grande Capital) não mais somente em termos de uma realidade nacional apenas, mas regional, em termos de América Latina e terceiro mundo.

Diante da complexidade dessa estrutura social, aprendemos a conviver com a violência embutida em todos os setores da vida nacional. Um embate sutil e violento ao mesmo tempo. Parece-me ser raramente atacado de frente, em termos de postura, e sim, indiretamente, na especificidade de cada questão. E se tratando de uma postura, esta é como sombra que acompanha o ser humano em todas as situações onde existe um contexto de colonização.

Diante da voracidade do desenvolvimento do Capital, a nossa classe dominante (os representantes do capital estrangeiro, estatal e nacional) e os intelectuais organicamente a ela ligados, insistem em subestimar, a "esquecer" a expressão "colonial"; como se fizesse parte de um fenômeno superado pelo estágio atual alcançado principalmente pela estrutura econômica advinda das políticas do capital financeiro. Reafirmo, a continuidade do uso do termo "colonial", "colonizador" e "colonizado", à medida em que não houve mudanças de hegemonia a nível de primeiro mundo em relação ao terceiro. Excluo neste momento a questão do segundo mundo, devido serem as mudanças apontadas, insuficientes para uma maior definição).

Nesse sentido procuro analisar a questão do colonialismo, desde a nível de indivíduo e como limite as realidades do primeiro e terceiro mundo.

Procurei delinear nesta parte do trabalho, os contornos desta postura estrangeira, a forma como nós brasileiros a adotamos (em parte pelo menos) em nosso dia a dia. Procurei também localizar esta postura historicamente: continua sendo a

mesma de quinhentos anos atrás, data em que os europeus invadiram a América Latina. Com a expressão "nós brasileiros", quero incluir, em primeiro lugar, a burguesia nacional, e de forma bem menos acentuada o restante, a grande maioria de nossa população.

A violência cultural pressupõe para a sua ocorrência de no mínimo dois "agentes". Considero neste trabalho, a violência cultural, praticada pela nossa classe dominante, em relação ao restante de nossa população, que se constitui na grande maioria, algo em torno de 75% do total. Como classe dominante, pressuponho os representantes do capital estrangeiro, estatal e nacional, ou então, os estrangeiros e a burguesia nacional.

E falando em história, faço desta o início deste capítulo.

Somos, pelo que aprendemos na escola, acostumados a assumir a história brasileira a partir da chegada, da invasão dos europeus na virada do século XV. Assume-se a história do invasor vencedor, como sendo o início de nossa existência neste continente, venerando através de seus heróis em praças e vias públicas, os seus interesses, crimes e destruições. Esta é a história deles, dos invasores que fazem a história daqui como sendo um prolongamento de sua metrópole, e nós a temos assumido desta forma. A nossa história esta vinculada ao aparecimento do ser humano na América (32.000 anos a.C.), como constatado em estudos arqueológicos. (1) E utilizando-me deste parâmetro mais amplo e longínquo, veremos que a invasão européia marca somente o período recente de nossa história, ao contrário do que nos

querem fazer crer estes mesmos invasores nos dias atuais.

Esta invasão de 1500 trouxe consigo uma característica própria daquele tipo de capitalismo em expansão, atuando como um fator decisivo na divisão de águas entre as duas culturas em embate: as culturas autóctones e as dos invasores. Trata-se da posse ilimitada, do "vírus de ter mais" traço tão fundamental do capitalismo como o podemos verificar até os dias de hoje. Reproduzo aqui o contexto deste embate cultural pelo fato de ele persistir até hoje de forma igualmente violenta nos contextos coloniais, nacionais.

"Devido a não descoberta do ouro, o pau-brasil - ou o Ibirapitanga. (...) tornava-se então o principal objetivo dos portugueses e franceses para a exploração destas terras.

(...) A ânsia de ter mais madeira para trocar provocou um grande desequilíbrio nas comunidades nativas, pois anteriormente os indígenas trabalhavam apenas para a sua manutenção, não havendo o costume de armazenamento e de acumulação. Surge então o vírus do ter mais que começou a destruir os valores indígenas, chegando ao ponto, anos depois, de muitos deles venderem os próprios familiares a troco de um machado ou de um pedaço de pano (2).

Trata-se de um aspecto cultural básico do invasor, do capitalismo, independentemente da forma ou fase pelo qual este tem-se desenvolvido até os dias atuais, um fator de algo muito mais amplo em questão: o embate cultural, cuja violência perdura, como procurarei descrever adiante, até os dias atuais.

Cultura é entendida aqui em sua significação mais ampla, conforme a definição de Herskovits (3):

"Cultura como um modo de vida de um povo, a nível de sociedade, como um conjunto organizado de indivíduos e a sua maneira de comportamento. Cultura, como um modo de vida específico no qual se inserem os conhecimentos, as crenças, as artes, a moral, as leis, os costumes dos homens dentro de uma determinada sociedade. Como um processo pelo qual a sociedade e labora seu conhecimento através do pensamento e de sua ação prática."

Assumindo a cultura como um processo que engloba todo o modo de vida de um povo; passo a tratar do embate cultural propriamente dito. É importante deixar clara a origem desta postura colonialista, estrangeira atual, uma vez que elucida bem a mera continuidade da violência, da postura empregada não somente por aqueles invasores, como também, por seus descendentes de hoje: a classe dominante e dentro desta, os estrangeiros em particular, aqui na América Latina.

Neste sentido, transcrevo apenas alguns trechos de relatos registrados pelos invasores, por volta de 1500. Procuro salientar os dois tipos de violência predominantes, a cultural e a física.

#### QUANTO A VIOLÊNCIA CULTURAL

Discurso de 1524 dos sacerdotes astecas, sobre a violação de seus valores, a um grupo de franciscanos espanhóis que os interrogava: (4)

(...)

Somos gente simples, somos mortais  
deixa-nos morrer, pois nossos Deuses estão mortos  
Tranquilize-se vosso coração e vossa carne, senho-  
res nossos, porque abriremos um pouquinho  
o segredo da arca do Senhor, nosso Deus.  
Vos dissestes que nós não conhecemos  
o Senhor que esta perto e conosco,  
aquele de quem são os céus e a terra.  
Dissestes que não eram verdadeiros os nossos Deuses.  
Nova palavra é esta e por isso estamos perturbados.  
Nossos pais, que viveram entre nós,  
não falavam desta maneira.  
Eles nos deram as suas normas de vida,  
eles tinham os deuses por verdadeiros,  
prestavam-lhe culto e louvaram os deuses.  
São eles que dão o nosso sustento,  
tudo quanto se come e bebe,  
o que conserva a vida, o milho, o feijão, a chia.  
A eles pedimos água e chuva,  
pelas quais se produzem as coisas da terra.  
(Onde os deuses vivem) nunca há fome,  
não há doença, não há pobreza.  
Eles dão aos humanos o valor e o comando.  
Eles deram o poder, a glória e a fama.  
E agora nós vamos destruir a antiga regra de vida?  
Nós sabemos que a eles se deve a vida,

se deve o nascer, se deve o gerar, se deve o crescer,

e nós sabemos como devemos invocar e como devemos rogar.

Ouvi, Senhores nossos,  
 não façais algo a vosso povo que lhe cause desgraça  
 o que o faça perecer..."

A forma animalesca, zoológica, como foram vistos, descritos os autoctones:

Carta do Padre João de Aspelcuelta, Jesuíta, escrita em 1555 durante as bandeiras:

... No outro dia nós fomos e passamos por lugares muito despovoados, especialmente durante 23 dias, na região dos índios Tapuyas, que é uma nação de índios bestiais e ferozes. Andam pelos matos como uma manada de veados, nus, com uns cabelos compridos como mulheres. Sua língua é muito bárbara e eles muito carniceiros..."(5)

#### QUANTO A VIOLÊNCIA FÍSICA

Carta do Padre Motoya em expedição comandada pelo famoso Antonio Raposo Tavares, a 8 de setembro de 1628:

São (os jesuítas) lobos vestidos com peles de ove-

lha, uns hipócritas, e enquanto os outros (os espanhóis), andam roubando, despojando igrejas, prendendo índios, matando e despedaçando crianças, eles (os jesuítas) aparecem mostrando seus longos rosários que trazem no pescoço, e chegam até a pedir confissão para nossos padres. (...) (6)

Segunda carta de Cortez em 1519, ao invadir o México:

(...) Antes do amanhecer do dia seguinte tornei a sair com os cavalos, peões e índios e queimei dez povoados, onde haviam mais de tres mil casas. Como trazíamos a bandeira da cruz e lutavamos por nossa fé e por serviços de vossa sacra magestade, em sua real ventura nos deu Deus tanta vitória, posto que matamos tanta gente, sem que nenhum de nossos sofressem dano... (7)

Frei Bartolomeu de las Casas sobre os crimes espanhóis na América Central entre 1514 e 1550.

Os espanhóis ao irem a algum lugar pilhar ou roubar proclamavam aos nativos:

Caciques e índios dessa terra: nós vos fazemos saber que existe um Deus, um Papa. Vindo render-lhes homenagens porque senão vos faremos guerra, vos materemos, vos escravizaremos...

... e na quarta madrugada, estando ainda os pobres inocentes a dormir com suas mulheres e filhos, esses tiranos se lançavam sobre o lugar, deitando fogo as casas, de sorte que queimavam todos vivos...

... roubaram (os espanhóis) tanto ouro nesse tempo e nesse reino que ultrapassa a um milhão de ducados, e creio que digo muito pouco...

... os espanhóis, vendo que os índios se aproximavam de perto, e não querendo abandonar a sua presa, enterravam a espada no ventre das mulheres e meninas e das oitenta não deixavam uma só em vida...

... Seu lugar-tenente assassinou e muitos índios enforcando-os e queimando-os vivos, lançando outros aos cães, cortando-lhes as mãos, as cabeças e a língua, isto somente para lhes incutir horror a fim de que os servissem e lhes dessem ouro...!"(8)

Estes pequenos trechos são suficientes, contém os elementos essenciais, para podermos identificar a continuidade desta violência nos dias de hoje.

Este foi o contexto da colonização visto por dentro, no sentido de encontrarmos práticas, acontecimentos reais daquela época, perfeitamente "entendíveis" nos dias atuais, à medida em que continuam a persistir, mesmo sob a "era" de capitalismo financeiro, onde em termos econômicos (e somente neste) estas práticas aparentemente terem sido superadas. As formas destas práticas, podem até terem sido superadas, o conteúdo permanece, caracterizando-se como a continuidade da relação colonial até os dias atuais.

A preocupação, no início da colonização, foi marcada pela máxima dominação territorial, com o objetivo dos saques do enriquecimento gratuito.

O capitalismo, em seu período inicial de expansão, via nas colônias uma fonte de matéria-prima que, manufaturadas, podiam ser consumidas no mercado europeu.

Passados 500 anos, esta mesma relação, continua, se transforma, contudo sem modificações substanciais. Depois da Europa passar por esta fase de acumulação de capital, o suporte básico sobre o qual se enraíza a sua industrialização, impõe-se modificar a rentabilidade do negócio chamado colônia. Não se trata mais da relação europeu-autóctone, mas da relação imperialista primeiro mundo e periferia, e dentro desta nós brasileiros.

Aquelas colônias continuam colônias, só que agora converteram-se num mercado consumidor. A população colonial é uma clientela que compra e consome. Não importa mais para os donos do grande capital a soberania americana ou europeia de espaços físicos, regiões nacionais, latino-americanas, africanas ou asiáticas: o que importa é que as suas zonas econômicas estejam a seu favor e protegidas para este fim. Como consequência da política financeira internacional, como estratégia do imperialismo.

Conforme as palavras de Fanon a respeito (9):

"O que os industriais e os banqueiros da metrópole esperam do seu governo, não é que dizime as povoações, mas que salvaguarda, com a ajuda de convenções econômicas, seus interesses legítimos" (10)

A colonização sempre esta vinculada ao processo de imposição, tendo como variável a dominação econômica, política,

militar e também a cultural. A **imposição cultural** não ocorre es pontânea nem aleatoriamente, é utilizada conscientemente como ins trumento efetivo para **controle interno** do espaço invadido (não somente no sentido de espaços geográficos).

Uma prática corrente na expansão das grandes civi- lizações, conforme os estudos de Betty Meggers (11). Podemos en contrar uma pequena descrição da forma desta violência cultural consciente num texto de Sartre sobre a Europa: (12)

"As colônias, a verdade se mostrava nua, as metrô- poles queriam-na vestida; era preciso que o índigena as amasse. Como as mães por assim dizer. A elite européia tentou engedrar um indigenato de elite: selecionava adolescentes, gravava-lhes na testa, com ferro em brasa, os princípios da cultura ociden- tal, metia-lhes na boca mordanças sonoras, expressões bombásti- cas e pastosas que grudavam nos seus dentes, depois de breve estada na metrópole, recaminha-os adultreados. Essas contrafa- ções vivas, não tinham mais nada a dizer a seus irmãos, faziam eco, de Paris, de Londres, de Amsterdã..."

Esta relação de colonização descrita por Sartre continua exatamente a mesma nos dias de hoje.

A economia arrebentou todas as fronteiras sob a era das políticas financeiras. Mas, a nível interno, de Brasil, encontramos como fruto do desenvolvimento político / econômico pós-64, uma classe dominante e a ela ligada um grupo de intelec- tuais orgânicos. Estes, com a função de "explicar e justificar" através da ideologia, especificamente a ideologia pós- liberal, a nova estruturação econômico, político, social, na qual se con

trapõe, de um lado a classe dominante e de outro o restante da população brasileira. Como classe dominante estão incluídos os representantes do capital multinacional e dos capitais estatal e nacional. Esses dois últimos, como sendo a nossa burguesia nacional "internacionalizada", como explicado na primeira parte deste trabalho. Para esta burguesia nacional, Nova Iorque, Zurique e Paris parecem ser os seus vizinhos mais próximos.

É precisamente este compartilhamento de nossa burguesia, de nossa elite brasileira, com os espaços, os valores e interesses estrangeiros, que me leva a ampliar o âmbito da visão cultural verificada aqui, como no terceiro mundo em geral. 500 anos atrás, fazia parte de um fenômeno praticado pelos invasores estrangeiros aos autóctones; atualmente, devido a "internacionalização" de nossa burguesia, estendo a violação cultural para a nossa classe dominante atual, no qual estão inseridos os estrangeiros e a burguesia nacional, e com esta os intelectuais orgânicos desta fração social.

Chego então a questão central:  
O que vem a ser esta cultura "internacionalizada", de nossa classe dominante? (Cultura no sentido de definição da acima).

A cultura "falada" do estrangeiro (e seus descendentes ligados ao grande capital), não é entendível aos nossos ouvidos, uma vez que somente é relatada na língua deles. A língua estrangeira, funciona como divisória entre nós de um lado, e les do outro. Ao se referirem a nós, fazem uso corrente da linguagem zoológica. "Ela não tem culpa, é uma porca coitada"; referin-

do-se a uma doméstica: "São porcos coltados", referindo-se nós da América Latina, ante a questão da dívida externa (vide a caricatura publicada em revistas francesas e alemãs). "Um bando de veados" conforme a expressão utilizada por Padre João de Aspilcuelta em 1555. (vide trecho de sua carta transcrita página atrás). São 450 anos que se passaram e seu palavreado, a sua postura colonialista não mudou em nada mesmo. Aos negros não empregam a palavra "preto", na sua língua mesmo, com receio que estes já pudessem entendê-lo. Ensinam as crianças a substituí-la por "azul", a estigmatização chega a ser tão forte, que mesmo as crianças, estrangeiras, não gostam, sentem nojo em encostar a sua pele a de uma doméstica, por exemplo, como se fosse um bicho. Consideram-nos um pouco ou muito sujos, por não fazermos uso daqueles produtos higiénicos utilizados pelos "brancos em geral" como por exemplo, a opinião de uma antropóloga inglesa numa tribo africana no Quênia: (13)

"Eles vivem com sujeira, estêrco e moscas, mas os seus corações são limpos".

(E justamente o europeu, tão famoso pelos seus banhos semanais e quizenais)

Não é a riqueza, o tamanho da posse que caracteriza pertencer ou não ao "mundo universal" estrangeiro. O que realmente talha este nosso mundo é antes de mais nada "ser estrangeiro", não ser parecido com os outros, comuns, nós brasileiros. A identificação mútua deste tipo de estrangeiro não necessita de muitas apresentações, o tipo de comportamento diferenciador, de forma, faz com que baste somente um olhar para a certificação do que, e de quem, se trata.

"Elemento corrosivo, que destrói tudo o que dele se aproxima, elemento de formador, que desfigura tudo o que se refere a estética ou a moral, depositário de forças malélicas, Essa instrumento incosciente e irrecuperável de forças cegas. Essa demografia galopante, essas massas históricas, estes custos de

mos encontrar nas palavras de Fanon. (14)

não coerente com o que costumam falar de nós brasileiros, podem- tência, que somos nós que não sabemos nos comunicar. Uma opção de se fazerem compreender, e acham, enterrados em sua prática ou profissional, são os estrangeiros que se mostram incapazes dentro da relação de dominação. Fora desta relação, de serventia, compreensível, para o povo brasileiro em geral, somente linguagem portadora de uma lógica, de um modo de pensamento próprio, francês, americano, etc. E dentro deste contexto, uma (publicadas, copiadas pelas revistas nacionais); e nas roupas, de origem; na decoração, onde predomina a estética de fora- infantis de fora; nos carros, emblemas, escudos de seu país/movros estrangeiros, discos de música erudita, os contos, livros- lhinhas, calendários com fotografias de seu país de origem, lita anos aqui, se reproduzem os elementos trazidos de fora: fo- Nos lares destes estrangeiros, mesmo depois de trinta

inclue-se todo o restante da população brasileira. burguesia urbana, internacionalizada, e, o "resto": no resto à distinção entre o brasileiro "civilizado", o que corresponde ao geiro (e muito mais para a própria burguesia nacional), existe a não mais se refere a todos os brasileiros. Mesmo para o estrangeiro já Nota-se o detalhe, de que esta discriminação,

onde fugiu qualquer traço de humanidade, esses corpos obesos que se assemelham mais a nada, esta coorte sem cabeça nem cauda, essas crianças, que dão a impressão de não pertencerem a ninguém, essa preguiça estendida no sol, esse ritmo vegetal".

O interessante é, a nossa burguesia como um todo, estar automaticamente excluída deste tipo de julgamento, tão corriqueiro no meio estrangeiro.

Nós do povo, somos preguiçosos, desorganizados e mal vestidos, por não nos assemelharmos a eles, o exemplo da eficiência, organização e força de vencer na vida. Nós ainda não nos "civilizámos".

Como exemplo, relato aqui uma historinha contada a mim, quando criança, por um destes estrangeiros.

Chega ele, o estrangeiro a uma praia. Pergunta ao pescador sentado sobre a sua jangada, porque não pescava mais até juntar um dinheirinho e comprava um barquinho maior. Depois, com o barco maior, poderia pescar mais peixe, e comprar outro barco ainda maior e botar uma ou duas pessoas pra pescar pra ele, enquanto poderia ficar ali na praia, tranquilo, sentado. E o pescador responde na maior calma e simplicidade que já estava sentado e tranquilo na praia, e, portanto, não havia necessidade de tudo isso.

Exemplo real que bem ilustra a impossibilidade de compreensão deste estrangeiro que saiu da conversa convicto, continuando a achar, o pescador, como a maioria dos brasileiros, um preguiçoso mesmo. E por extensão, deve achar que deste jeito, o brasileiro nunca irá para frente mesmo, pra frente, na "sua

direção", de um país europeu de "gente trabalhadora e civiliza-

da".

É dentro deste contexto cultural é que as escolas estrangeiras se propõem a atuar, como um prolongamento, num espaço institucional, em que se cria e reproduz esta cultura de fora. A respeito dos descendentes, destes estrangeiros vindos de fora, transcrevo mais um trecho de Fanon: (15)

"Meninos mimados pelo colonialismo, eles organizam a pilhagem (...)

Implacáveis, erguem-se por meio de mamatas ou dos roubos legais - operações de importações e exportações, sociedades des andúimas especuladoras na bolsa, cavagões acima dessa miséria hoje nacional. Reclamam com insistência a nacionalização de atividades comerciais, isto é, a reserva dos mercados e das boas oportunidades exclusivamente para os nacionais. Doutrinariamente proclamam a necessidade imperiosa de nacionalizar o roubo da nação."

Este será o espaço econômico/cultural no qual passam a acontecer os casamentos entre seus descendentes. Geralmente ocorre uma continuidade sem muitas modificações: casa-se em alguma igreja frequentada pelos estrangeiros, mora-se na mesma região, e frequentam-se os mesmos centros de compras, restaurantes, clubes e escolas aos quais foram acostumados desde crianças. Os nomes de seus filhos continuam sendo aqueles trazidos de fora, e darão ênfase em especial em garantir a dupla nacionalidade a seus filhos. (O Europeu recebe a nacionalidade também por herança).

Esta dupla cidadania é o que ainda mais reforça e aprofunda a exploração do contexto colonial existente: o estrangeiro vive a sua condição ultra privilegiada até que hajam garantias políticas para a sua existência. Uma vez desaparecido o contexto colonial, não há mais interesse em ficar, em coexistir. São frequentes os relatos do meio estrangeiro, sobre os dias que antecederam ao golpe de 1964: "Estávamos sentados sobre as nossas malas, diante da incerteza daquela bagunça política, a revolução de 64 salvou a nossa situação: (Nota-se que se referiu ao golpe com "a revolução").

É exatamente nestes momentos, que se torna explícito o que sempre esteve por trás do não-comprometimento total da postura do estrangeiro aqui em solo nacional: a dupla nacionalidade. (16)

Estes seriam alguns contornos para elucidar, dentro do contexto urbano brasileiro.

A sua preponderância, arrogância é sentida por todo brasileiro perguntando, mas o que faz com que vivem tão impunemente e ainda levam admiração?

Entre outros, o seu lastro econômico, detém pelo menos um terço, através das multinacionais, em suas mãos. E também uma ideologia, a ideologia pós-liberal, difundida e referendada de uma forma ou outra pela burguesia nacional, os meios de comunicações e todo o sistema de transmissão de valores culturais.

Os estrangeiros, não vivem isolados dentro do espaço brasileiro, do contexto colonial, encontram na elite brasileira, nos intelectuais, os que compartilham em comum os seus espaços, e são eles também os seus **porta vozes**.

Abro aqui um parênteses, para explicitar a questão teórica do intelectual, à medida que assumem diferentes funções e comportamentos dentro de nossa formação social, como uma realidade colonial.

Ao falar em intelectual, não penso na contraposição clássica, de intelectual versus massa. Assumo aqui como intelectual, aquele, cuja profissão seja no mínimo uma atividade especificamente intelectual, (.17) além de estar cumprindo uma função social. Faço distinção, no sentido gramsciano, em termos de ser orgânico ou não. Orgânico, o intelectual, que efetivamente assuma a sua função como um empreendimento coletivo em defesa, no compartilhamento do universo cultural de determinada classe social.

Para este trabalho retenho a definição de **intelectual orgânico subalterno**, como sendo aquele que em sua **prática** se imiscui ativamente na vida e luta práticas da população que representa a grande maioria. Esta sua prática, ser "permanente, coerente, consiste, unida e **necessária** por possuir as mesmas raízes socio-etnológicas do povo em luta: ter que se fazer povo, e se confundir com o povo." (18) Este intelectual efetivamente faz-se denominar de intelectual orgânico **subalterno**. (19)

O intelectual em geral, não sendo o caracterizado acima, é aquele que lá no fundo se sente fascinado por aquele mundo de fora, tanto que não perde a oportunidade de pelo menos uma vez passar uma temporada no exterior, quer fazendo um trabalho acadêmico ou outro motivo qualquer.

Volta maravilhado com a eficiência dos serviços básicos, admira a beleza física dos europeus: são altos, claros e limpos, não há indigente, pobre, criança abandonada nas ruas, estas todas limpas e bem conservadas! Chega com o discurso humanista em que todos nós permanecemos como essências eternas, o ser humano é acima de tudo muito belo a despeito de todos os erros atribuídos a ele. Como forma de demonstrar-se participante do universo científico alienígena, esse intelectual, incorpora incondicionalmente o vocabulário estrangeiro à nossa língua, deixando evidente a sua visão obtusa de sua prática.

Geralmente podemos notá-lo assumindo elementos da cultura de fora, ao escrever trabalhos utilizando-se das informações, das soluções encontradas no primeiro mundo. Ou então assume a mesma postura arrogante, prepotente no tratamento da população brasileira de renda mais baixa.

A casa desse intelectual, de nossa elite, daqueles que não se enquadram no que eu defino como o "intelectual orgânico subalterno", portanto, a grande maioria de nossos intelectuais, para estes, as suas roupas, sua educação, seu pensamento segue, procura o que tem origem lá fora. Procuram compartilhar do mesmo espaço físico, como bem descrito por Fanon: (20)

"Os pés do colonizador nunca estão à vista, salvo talvez no mar, mas nunca alguém está bastante perto deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de suas cidades são limpas, lisas sem buracos, sem seixos. É uma cidade saciada, indolente, cujo ventre esta permanentemente repleto de boas coisas. A cidade do colonizador é uma cidade de brancos, de estrangeiros".

Mas não se trata somente da maior parte dos intelectuais da nossa elite que introjeta esta cultura de fora, como sendo a sua, e uma vez assim passa a defendê-la, aqui.

Temos, entre outros a atuação da igreja e da polícia.

A igreja guiada explicitamente pelo Vaticano, pratica o discurso humanista no qual somos todos universais, ao mesmo tempo em que suas práticas racistas particularizam os privilégios entre os seus. A igreja é a igreja dos brancos, dos patrões e dos bons seguidores. Serve como legitimação da supremacia do branco, como descrito por Fanon: (21)

"O servo é de essência diferente da do cavaleiro, mas uma referência ao direito divino é necessária para legiti - mar essa diferença estatutária:"

Foi em nome da igreja que houve a invasão em nosso continente, e até hoje compactua e usufrui com a relação colonial estabelecida desde então. É na contra-posição, no vigor da Teologia da Libertação, que podemos sentir a dominação eclesial tradicional, tão presente em nosso dia a dia.

É na polícia, por outro lado, que vamos encontrar a defesa explícita dos interesses dos estrangeiros, e, também de seu séquito brasileiro. A polícia entra na defesa da ordem, na repressão das manifestações políticas para o estabelecimento armado do silêncio, da convivência com esta estrutura violenta.

As leis são as do branco, da classe dominante, são as que legitimam os seus crimes impunes (financeiros, ecológicos, culturais, etc) e a polícia é uma das encarregadas de assegurar essa impunidade, corrupção através da força, da arma e da lei.

À medida em que esta situação de convivência, entre a presença do estrangeiro, e do espaço brasileiro for questionada, entrar em crise, aparece o intelectual como mediador do conflito (excluído aquele "organicamente subalterno").

Estes intelectuais que têm como função ser os intermediários responsáveis pelo consenso ideológico, articulam a legitimação do contexto colonial. Refiro-me aqui à todos os intelectuais, de uma forma ou de outra, excluídos aqueles caracterizados como "orgânicos subalternos".

Tendo acesso aos dois lados, digo classe dominante e às frentes populares, e assumindo como pano de fundo a sua formação humanista de fora, estes intelectuais propõem e procuram conduzir a negociação para a convivência pacífica, em paz, num mundo novo. Tal procedimento, é pouco rentável, pois o estrangeiro não cede muito, caso contrário, não lhe interessa continuar a viver aqui, num contexto em que tenham desaparecidos os seus privilégios da relação colonialista existente. Faz as ma -

las e volta. (Como exemplo limite desta situação, temos as "imigrações" dos estrangeiros, nos países africanos, que passaram por uma revolução socialista: Angola, Moçambique entre outros, ou então como ocorreu em Cuba e Nicarágua.)

Do outro lado estão o marginalizado, o trabalhador, o negro, o índio, o bóia-fria, o brasileiro. Desgastado pela continuidade das crises, desclassificado, faminto, **sem compromissos**, nada tem a ceder, a perder, mas tudo a ganhar. (Daí ser usado o termo "radical" pela classe dominante). O explorado que mais sente a "violência com que afirmou a supremacia dos valores brancos (da classe dominante nossa), a agressividade que impregnou o confronto vitcioso desses valores no cotidiano."(22)

A sua vontade é de tomar a posse do branco, arrancar-lhe a sua supremacia e encostar a sua pele, usar a mulher branca para o seu prazer, o seu desabafo. (23)

Ao sacar a faca, responde à extrema violência a que está sujeito, certifica-se que a tem na mão como recurso de sua defesa pessoal, de sua integridade. (E o coitado do homem branco da nossa classe dominante, tão sensível e bárbaro, não compreende a situação, olha de longe para não cair na violência **por ele criada, e realimentada** por ele mesmo, a cada instante. Vide o exemplo do agrônomo suíço responsável pela fazenda da Volkswagen, na Amazônia, no capítulo sobre a escola).

É dentro do ônibus, na hora de saída de tardezinha que podemos notar a veracidade destas palavras de Fanon: (24)

"No mundo colonial a afetividade do colonizado se mantém na flor da pele como uma chaga viva que evita o agente

cáustico. E o psiquismo retrai-se, oblitera-se, despeja - se em demonstrações musculares que levam os eruditos a dizer que o colonizado é um histérico. Essa afetividade em ereção, empreitada por guardiães invisíveis, mas que se comunicam sem transição com o núcleo de personalidade, vai comprazer-se com erotismo nas dissoluções motoras da crise."

A agressividade do brasileiro violentado é canalizada para a destruição, no chute daquilo que estiver à sua frente e ao lembrar essa sua condição, canaliza-a para a família, à prostituição, o álcool, às drogas, o carnaval, o futebol e tantas outras. Perde a confiança nas informações, a "objetividade" desta esta sempre comprometida contra ele. O sorriso da moça loura no cartaz de rua não é para ele, é contra ele, assim como a polícia, o patrão bonzinho e tantos outros como aquele intelectual que o analista através das lentes de seu microscópio procurando diagnosticar a situação limite de sua existência.

Ante a constatação de índices tão elevados de agressividade diagnosticados através de suas lentes, propõe o intelectual, a não-violência, tão em voga lá fora, procurando um acordo de salvação comum.

Não percebe o intelectual (excluídos aqueles denominados de "orgânico subalternos"), e todos da classe dominante, que existe um **equilíbrio entre a violência do regime e a violên-**cia de sua população. Esse contexto de violência será tanto mais terrível e traumático quanto mais profunda e forte for a relação de exploração entre o primeiro mundo e o terceiro mundo. Não há perspectiva da população acalmar, sem uma mudança radical, estru

tural: o desdobramento da violência do povo será proporcional à violência exercida pelo regime colonial contestado.

É certo de que esta relação não perdurará eternamente, chega a hora em que o brasileiro, o miserável, descobre que a sua vida, o seu coração e sua pele valem tanto quanto a do estrangeiro, da classe dominante, e as barreiras da separação destes dois mundos começam a desmoronar. Surge daí uma nova integridade, que será a base de uma ação efetiva contra o contexto colonial.

Enfim, fazendo minhas as palavras de Fanon (25):

"Deixemos essa Europa, (o primeiro mundo) que não cessa de falar do homem enquanto o massacra por toda parte onde o encontra, em todas as esquinas de suas próprias ruas, em todas as esquinas do mundo.

Há séculos...

Que em nome de uma suposta "aventura espiritual vem asfixiando a quase totalidade da humanidade."

Deixemos derreter as nossas barreiras interiores, assumindo a violência e entrando no fogo do embate.

## REFERÊNCIAS

- (1) Ver a respeito da pré-história brasileira:  
COSTA, A. Introdução à arqueologia brasileira. Cia. Ed. Nacional,  
Col. Brasiliana, vol. 34, S. Paulo, 1980.  
MEGGERS, Betty. América Pré-história. Paz e Terra, Rio, 1979.  
BARBOSA, Leila e outros. A incrível história dos homens e suas  
relações sociais. Vozes, Petrópolis, 1986.  
MENDES, Josué C. Conheça a pré-história brasileira. Polígono, EDU  
SP, 1970.
- (2) Jornal Porantim, Suplemento nº 3 de abril de 1987. (Jornal -  
em defesa da causa indígena)
- (3) HERSKOVITS em:  
AUSIÓN, Juan. Ideologia e mito: uma reflexão crítica. Revista Au  
thropo lógica do Depto. de C. Sociales del Pont.  
Univ. Católica del Peru, nº 3, 1985
- (4) PORTILLA, Miguel L. A conquista da América Latina vista pe -  
los índios. Jornal Porantim. Suplemento nº 3 de  
abril de 1987.
- (5) Jornal Porantim, Suplemento nº 6 Julho/Agosto de 87, pág. 2.
- (6) Jornal Porantim, Suplemento nº 6 de Julho/Agosto de 1.987  
pág. 3.
- (7) Hernan Cortez - A conquista do México, Edic. LPM, 1986, pág.  
33.
- (8) DE LAS CASAS, Frei Bartolomé. O paraíso destruído. Edic. LPM  
1985, pág. 45 - 46.  
Livro de leitura **imprescindível** sobre a invasão  
européia.

(9) FANON, Frantz. Os condenados da terra. Civ. Brasileira, 1979  
pág. 50.

(10) Gostaria de fazer um esclarecimento a respeito da obra de Fanon neste trabalho. O livro "Os condenados da Terra", descreve o contexto colonial existente nos anos de 55-60, durante a guerra de libertação da Argélia, na África. Mesmo que o contexto daquele capitalismo tenha se modificado, como resultado da expansão do capital financeiro, não houve mudanças significativas, na relação colonial, denunciada por Fanon. Como naquela época, o primeiro mundo continua hegemonicamente sobre a periferia, mesmo que esta, tenha se desenvolvido heterogeneamente. A periferia não alcançou o centro, permanecendo fora dele no caso de decisões ocidentais. A divisão econômica internacional não sofreu rupturas, inversões, por mais urgentes que sejam. Nesse sentido, mesmo assumindo o desenvolvimento capitalista atual, mantém-se em relação colonial, agora com um ingrediente a mais: a burguesia nacional, assume o "papel" do colonizador com o estrangeiro, fazendo com que passe a existir internamente o confronto colonial agora entre a classe dominante e o restante da nossa população brasileira. Feitas estas ressalvas, continuo a mencionar Fanon no sentido de que foi ele que melhor deu conta de denunciar a relação colonial para nós, o terceiro mundo.

- (11) MEGGERS, Betty. América Pré-Histórica, Paz e Terra, 1.979, pág. 119.
- (12) Prefácio de Sartre ao livro de Fanon, ob. Cit.
- (13) Uma reportagem sobre a tribo Massai na Quênia - Semanário alemão "Der Siegel" de 06/08/84.
- (14) Fanon, citado acima, pág. 28
- (15) Fanon, citado acima, pág. 36. Faz-se necessário aqui, as ponderações para o contexto colonial da déc.de 60 na Argélia.
- (16) Note-se como esta pré-disposição do estrangeiro, em abandonar o país em épocas de instabilidade político-econômico, pode ser verificada na mesma intensidade a partir da classe média brasileira: ficaram famosas na imprensa, as imigrações destes brasileiros nos anos de 88/89, para os países do primeiro mundo, em busca de melhores opções para se trabalhar e viver.
- (17) Para Gramsci: "todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função de intelectual.  
... leva-se em conta a direção sobre a qual incide o peso maior da atividade profissional específica". Em "Os intelectuais e a organização da cultura", Civ. Brasileira, 4ª ed. 1982 pág. 7.
- (18) TAVARES, Antonio de Jesus. A educação como hegemonia no pensamento de A. Gramsci. tese de mestrado, Unicamp, 1985, pág. 75 - 83.

## CAPÍTULO IV

### O ESTRANGEIRO E A SEGURANÇA NACIONAL

(Uma indicação)

Procurei na parte anterior, delinear o contexto colonial atual como fruto de um processo iniciado com a invasão dos povos europeus alguns séculos atrás. Este contexto continua a persistir, à medida que existe em base concreta, fatores que o favoreçam o possibilitam. Sejam eles: uma ideologia e à ela ligada, um grupo de tecnocratas por um lado, e por outro, a nossa estrutura econômica, como fruto de uma política financeira internacional (1).

Estas sustentações econômicas e ideológicas já estão de tal forma arraigadas em nossa estrutura econômica-política-social, que passaram a fazer parte de nosso dia a dia, fazendo com que este contexto colonial fique escamoteado, se torne menos explícito, mais sutil, ao mesmo tempo, extremamente violento. (Conforme descrito nas páginas anteriores).

Sendo assim, desenvolve-se todo um ambiente nacional, propício para que se beneficiem estes interesses do primeiro mundo em solo nacional, processo semelhante verificado na grande maioria dos países do terceiro mundo. Trata-se de interes

ses de fora, contrários à nossa realidade histórica, às nossas necessidades nacionais, que têm como objetivo último, a continuidade da relação norte-sul da esfera capitalista.

É dentro deste contexto que posso colocar a presença do estrangeiro de seus interesses e do contexto que o sustenta, como uma questão nossa, de **segurança nacional**.

Não tenho a preocupação, neste parte do trabalho, em aprofundar esta questão. Procurarei somente localizar o problema, indicar a gravidade da presença estrangeira aqui e com isto colocar a necessidade de se aprofundar este tema em outros trabalhos.

Não somente os efeitos práticos da presença estrangeira aqui estão diretamente relacionadas com a nossa soberania, segurança nacional. A origem do **conceito** de "Segurança Nacional" (este encravado em todos nós pelas práticas militares durante os anos da ditadura militar), também está diretamente ligado à história da realidade do estrangeiro do 1º mundo, da qual fazemos parte como membros da esfera capitalista, do "bloco" ocidental. Procurarei em poucas linhas, localizar a origem deste conceito, para então, através de alguns exemplos de nosso dia a dia, indicar alguns mecanismos utilizados para a defesa dos interesses do primeiro mundo aqui, internamente. A partir aí, terei alguns elementos para a proposição de uma nova postura, para um novo conceito de Segurança Nacional.

O surgimento da Doutrina de Segurança Nacional, tal como a conhecemos atualmente, esta relacionada com a expansão capitalista após a 2ª Grande Guerra. O surgimento de seus funda

mentos esta intimamente ligada à formação e expansão dos Estados Unidos, à condição de líder do chamado mundo ocidental: a partir da associação de interesses das grandes corporações com os de seu capitalismo de Estado. (2) Juntamente com este processo, e por causa dele, passa a existir o antagonismo explícito entre os dois blocos hegemônicos: o norte-americano e o soviético. A partir daí, todas as relações internacionais tinham de necessariamente passar pela escolha de alinhamento a um dos dois lados.

Dentro do bloco ocidental, continuavam a prevalecer as práticas agora "neo"-coloniais: os interesses do norte, do primeiro mundo, estavam em garantir em primeiro lugar a manutenção do livre acesso aos mercados mundiais, como resultado de políticas financeiras. Como mencionado por Fanon (3) páginas atrás: "não há mais interesse em conquistas territoriais, a questão agora é na esfera dos mercados, no fluxo de matérias primas, manufaturados" e de capitais.

A partir deste novo contexto, marcado pela expansão, ocorre uma nova divisão de serviços: aos do norte (do primeiro mundo e EUA principalmente) caberia a contenção do avanço do comunismo e aos países periféricos, sendo "soberanos" sobre seus territórios, caberia a segurança interna de cada um. A transmissão desta divisão e distribuição de tarefas dos EUA para a América Latina, ocorreu dentro das esferas militares, no Brasil, através da Escola Superior de Guerra (4).

O golpe de 1964 vem ao encontro e é fruto destes interesses, ao defender este pacto de interdependência estabele

cido aos integrantes do "bloco" ocidental: cada complexo capitalista deixa de ser competidor entre si, para fazer parte de algo maior: um único complexo de formações sociais. Este supostamente unido, enfrentando o mal maior: a expansão do socialismo. (5).

Este foi, em poucas palavras, o contexto externo da Doutrina de Segurança Nacional. A nível interno, os militares assumiram a função de reinterpretar, fazendo uma versão "tropical", brasileira das idéias passadas pelos norte-americanos (6) Com os militares no poder, a Escola Superior de Guerra foi o transmissor deste arcabouço teórico para o restante da sociedade, via o grupo tecnocrático, atuante lado a lado aos militares, no poder.(7)

Neste sentido, os governos da fase ditatorial promoveram, defendendo interesses próprios e os do bloco ocidental como um todo, uma internacionalização da economia, indo ao encontro das necessidades de expansão do capital monopolista de fora. Reafirmando deste modo, a continuidade das relações coloniais, agora chamadas de "neo"-coloniais entre o norte e o sul.

Assumindo o pressuposto de sermos um único complexo social, nós do bloco ocidental, e sermos nós latino-americanos o elo menos desenvolvido deste complexo, o primeiro mundo passa a ser o nosso referencial de "desenvolvimento", o nosso exemplo. E neste sentido passamos a ser definidos por eles, como um país "sub" - desenvolvido, atrasado, (mesmo que o Brasil ocupe o lugar de "semi-periferia" como fruto da expansão heterogênea do capital financeiro, continuamos a fazer parte da pro-

blemática do terceiro mundo) (8). Atrasados também no campo cultural, onde os valores chaves são aqueles vindos de fora, dos EUA e da Europa. A admissão da "supremacia cultural", do primeiro mundo, passa a fazer parte de um importante instrumento de dominação geral, e cultural em particular, da política destes países. Um instrumento importante no sentido de se criar um ambiente cultural nacional favorável à presença e continuidade, não só dos estrangeiros em si, mas principalmente dentro desta estrutura econômica/política/social/ocidental. Como podemos verificar nas palavras de João Marques Macedo: "No caso da América Latina, espaço econômico que após a Segunda Guerra Mundial passou predominantemente para a área de influência dos Estados Unidos da América, o desenvolvimento de indústria cultural tem sido parte do esforço de modernização empreendido no continente para adaptá-lo melhor às funções que lhe são reservadas na divisão internacional do trabalho. Esse desenvolvimento, contudo, foi acelerado a partir da revolução cubana, (1959), uma vez que os EUA compreendem, que a presença dos meios de comunicação de massa nos países sob sua égide, significaria não apenas um recurso para a dominação econômico-cultural, mas também um instrumento que seria acionado para tarefas político - militares, quais sejam as de desestimular ou debelar possíveis focos de revoluções nacionalistas" (9).

Como elementos deste ambiente cultura nacional, "sub-desenvolvido", encontramos os mais variados "simbolismos culturais" desde uma inscrição numa camiseta de alguém num bairro periférico, até o linguajar "técnico" estrangeiro utilizado

por economistas, empresários, engenheiros e acadêmicos. A necessidade de se falar o inglês, alemão ou francês em estudar fora, a correspondente multiplicação desenfreada de escolas de línguas estrangeiras, os centros de compras (os "shopping centers") as formas, dimensões estrangeiras de nossos produtos, as revistas de arquitetura, decoração, arte e moda por exemplo, as novelas, a publicidade, entre todos outros elementos que veiculam de forma concreta e explícita a "supremacia" do referencial de fora, do primeiro mundo aqui. (11)

O que é produzido aqui dentro em termos de manifestações culturais, são simplesmente desclassificadas, ignoradas ou então classificadas como folclore. Cultura passou a ser o que vem de fora, o que se assemelha ao modo de vida lá de fora, das metrópoles..

O interessante passa a ser, estabelecer a ponte entre questões aparentemente desvinculadas de qualquer propósito maior com a questão tão ampla-quanto o jogo de interesses de governos estrangeiros do primeiro mundo. Será este precisamente o espaço ocupado, a função dos intelectuais orgânicos ligados à nossa classe dominante: "são estes intelectuais que desempenham esta tarefa de mediadores simbólicos" de valores simbólicos. (12) Para Gramsci, nas palavras de Tavares de Jesus: "Intermediários ou "comissários" do grupo dominante, esses "intelectuais" se tornaram responsáveis diante das massas, pelo aparato de coerção estatal que assegura legalmente a disciplina dos grupos que não consentem nem ativa nem passivamente, e princi-

palmente, que estimulam o "consenso espontâneo". ... Manipulando os meios de comunicação, a publicidade, as artes, a educação e a política, estes "intelectuais" cumprem a obrigação de legitimar a situação vigente e torná-la aceitável à massa"(13)

O vestuário e a publicidade, repletos de nomes e gravuras estrangeiros, parecem-me ser os elementos alienígenas, de maior penetração, pelo alcance que têm em todas as classes sociais. E por isto, constituem-se em extremamente eficientes : privilegia-se o seu uso a nível nacional, atuando ao mesmo tempo como forma de difusão de valores simbólicos de um meio econômico-político-social do primeiro mundo. O vestuário, por exemplo, representa um espaço extremamente bem usado, pela alta receptividade por parte dos consumidores, muito pouco interessados no conteúdo veiculado pelas inscrições e gravuras utilizados por eles mesmos.

Este é precisamente um elemento importantíssimo no processo de aculturação: quanto maior for a aceitação de elementos culturais estrangeiros, em todos os setores possíveis, tanto maior a sua eficiência em termos de contribuir na formação de um ambiente cultural que referenda a permanência do estrangeiro, a sua prática e suas intenções aqui dentro. Contribue também, para a busca, por nós, de soluções a nossos problemas a partir deste referencial, da realidade de fora. Passa então a ser completamente normal por exemplo, usarmos dados estrangeiros para as nossas pesquisas, ou então, como no exemplo citado da Volkswagem do Brasil (no capítulo sobre a escola estrangeira): buscar dados e assistência técnica lá fora, na Alemanha

para o manuseio de seu gado aqui no Amazonas. Atitudes típicas que entram em detrimento não só do desenvolvimento científico nacional, mas também e principalmente, do acesso nacional, ao conhecimento que for desenvolvido aqui dentro do Brasil, pelos estrangeiros e seus descendentes.

A permissão de formar crianças em escolas estrangeiras assumindo 2 currículos, a visão de mundo, o referencial do 1º mundo, aqui dentro, passa a ser tão problemático em termos de mecanismos de manutenção destes interesses estrangeiros aqui, como a inserção de um vocabulário de fora em nossa língua, uma camiseta infantil "Disney" ou mesmo a proliferação das escolas de línguas estrangeiras.

À medida em que estes valores e práticas passam a ser introjetadas de forma a fazerem parte de nosso sistema de valores, passa a ser realmente problemático a falta de controle nosso, interno, das atividades nacionais relacionadas aos estrangeiros. A percepção do quanto de nossa produção nacional estar nas mãos de outros, com interesses outros, não adequados à realidade brasileira, dentro de nossa casa mesmo, leva para o reconhecimento nosso do real perigo desta condição, da dependência nossa, em relação ao estrangeiro do 1º mundo, daqui e lá de fora.

Neste sentido, tenho os elementos para apontar a necessidade do surgimento de um novo conceito de Segurança Nacional, agora não mais como fruto de um pacto na defesa do bloco ocidental, mas como resultado de uma avaliação profunda e

concreta pelo terceiro mundo das relações coloniais ainda existentes; uma avaliação a partir de nossa realidade histórica. O eixo da dualidade leste-oeste é deslocado para a vertical, o norte capitalista perdendo o seu espaço hegemônico para o terceiro mundo.

Fundamental neste processo de avaliação é retomarmos o nosso processo histórico, da América Latina e do Brasil em particular, não mais como um "achado", um "apêndice" útil e "sub-desenvolvido" do primeiro mundo, mas com a autonomia de tirar consequências sérias desta relação de exploração colonialista de 500 anos. O que significa criar novos fluxos de informações (e não só isto) com conteúdos, protagonistas, prioridades e necessidades novos, ausentes dos fluxos atuais. (14)

Para finalizar, gostaria de citar Fidel Castro, como um dos protagonistas sérios, que em muito tem contribuído para o esclarecimento do significado e das dimensões do colonialismo existente até os dias de hoje no terceiro mundo. Um posicionamento fundamental para o encaminhamento, a solução das crises vividas por estes países atualmente. Transcrevo aqui um parágrafo de uma entrevista dada por Fidel Castro em 1985 a respeito da relação colonialista e o endividamento externo do terceiro mundo. (15)

"... Dos recursos trazidos das colônias, inclusive África e Ásia, surgiu o dinheiro que financiou em grande parte o desenvolvimento da Europa e do sistema capitalista mundial. As antigas metrô-

poles tem uma responsabilidade com o subdesenvolvimento e têm, portanto, um dever e uma obrigação moral com os povos dos quais sugaram as riquezas durante séculos."

Não avançarei mais nesta questão da Segurança Nacional, por este não ser o tema central da tese. A sua abordagem foi feita com o intuito de dimensionar o problema do estrangeiro aqui dentro, no sentido de uma indicação, para um aprofundamento em outros trabalhos.

## REFERÊNCIAS

- (1) Estes fatores foram detalhados na primeira parte do trabalho
- (2) Ver a respeito da Origem da Doutrina de Segurança Nacional em VAIDERGORN, José. As moedas falsas: Educação Moral e Cívica, tese de mestrado, UNICAMP - 1987 págs. 103 e 121.
- (3) FANON, F. Os condenados da terra. Civ. Brasileira, 1979, pág. 50.
- (4) Ver a respeito da divisão internacional, o trabalho de Vaidergorn citado acima.
- (5) Ver a respeito do pacto de interdependência: COVRE, M.L.M. A fala dos homens. Brasiliense, 1983.
- (6) Sendo Golbery do Couto e Silva um dos expoentes com o seu livro "Geopolítica do Brasil".
- (7) Encontramos neste grupo entre outros: Roberto Campos, Hélio Beltrão, Langoni, Delfin Neto, Simonsen, João Paulo dos Reis Velloso e outros.
- (8) COVRE, M.L.M. A fala dos homens. Ed. Brasiliense, 1983, pág. 22.
- (9) "é sintomático que a televisão brasileira tenha crescido assustadoramente após o movimento militar de 1964, em meio à expansão de um complexo de telecomunicações que hoje praticamente assegura um controle estratégico de todo território nacional" de João Marques Macedo, A televisão como instrumento do neocolonialismo: evidências do caso brasileiro, em

Cultura Brasileira, temas e situações, Ed. Átila, 1987, pág. 168, ver esta questão da dominação cultural na história em outras formações sociais:

- MEGGERS, Betty. América Pré-Histórica. Paz e Terra, 1979.
- RIBEIRO, Darcy. O processo civilizatório. Ed.Civ. Brasileira, 1972, 2ª ed.

(10) Ver a respeito do "folclore".

MELO, de Marques. op. cit. pg. 172

(11) Assumindo a "ótica norteamericana" como no caso descrito por MARQUES de Macedo no mesmo livro, pág. 181.

(12) ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira versus identidade nacional. Ed. Brasiliense, 1985 pág. 139.

(13) JESUS, de Tavares Antonio. A educação como hegemonia no pensamento de A. Gramsci, tese de mestrado, Unicamp, 1985 - pág. 75 - 76, grifos meus.

(14) Ver a respeito da nova ordem internacional de informações, Marques de Melo op. cit.

(15) Fidel Castro, A dívida externa. Ed. LPM, 1986 (leitura imprescindível para uma avaliação das relações colonialistas e sua consequência atual, no relacionamento norte-sul, como nas negociações da dívida externa do terceiro mundo.

## CONCLUSÃO

A preocupação central deste trabalho foi a de demonstrar a abrangência, a profundidade do contexto colonial ainda existente nos dias de hoje. Tendo em vista este objetivo, tive que procurar em alguns espaços concretos, a prática, a vivência destes estrangeiros que se diferenciam de todos os outros por estarem veiculados ao grande Capital. Será na escola e dentro do meio mais restrito, nas famílias, os meios mais propícios para a verificação da abrangência do contexto colonial. Este estrangeiro demonstra-se extremamente segregacionista, evitando uma interação maior com os "brasileiros" e sua realidade. É o que podemos verificar na forma como se estrutura a escola. A escola, mesmo se autodenominando como uma escola de "encontro", encontro das duas culturas (a brasileira e a estrangeira) privilegia, em todos os seus níveis, elementos que fazem parte de uma ideologia, de uma visão de mundo, própria do europeu suíço. A escola passa a reproduzir, tanto naquilo que transmite, como naquilo que oculta, fica nas entrelinhas, no tom de voz, a visão de mundo de fora, da realidade européia. Cumpre assim a escola, uma função principal sua: a de ser um meio específico, formador

de uma mão de obra específica, para os altos escalões das multinacionais aqui situadas.

A escola estrangeira deixa de ser um ideal somente para a população estrangeira, para sê-lo também de elites econômico, político sociais nacionais. Ante o agravamento da crise em nosso ensino, como também na política educacional como um todo, estas escolas passaram a constituir-se em exemplos "garantidos", "bem sucedidos". Cresce a partir daí, a procura por estas escolas, servindo como modelos, exemplos a serem seguidos.

Gostaria de ressaltar novamente a importância destas escolas, como reprodutoras da ideologia dominante, na qual, nós, a maioria dos brasileiros, pouco espaço ocupamos. Estas escolas como um todo, constituem-se como um espaço concreto de reprodução de práticas, idéias e vivências do meio estrangeiro ligado ao grande Capital, que aqui permanece, enquanto permanecerem as garantias de seus privilégios, de sua exploração. Assim que se sinta ameaçado pela eliminação do contexto colonial, não pensam duas vezes: mandam o que podem para fora, fazem as malas e vão embora, tal como tem acontecido na efetiva descolonização de vários países como Cuba, Angola, Moçambique, etc.

O estudo da escola tem sido neste trabalho a verificação, "in-loco", de um meio estrangeiro servindo como uma faceta do contexto colonial mais amplo. Destrinchar estas facetas, estes "meios de reprodução" colonial, não tem sido suficiente para demonstrar a sua real existência.

A questão é também, de **reafirmar** a existência mesmo do contexto colonial atual, uma vez que esta análise tenha sido frequentemente caracterizada como desatual e superada.

Este procedimento, a meu ver, é "justificado" por duas razões:

1) Em primeiro lugar, a visão da inexistência do colonialismo a atual, ocorre a medida em que se passa a enxergar a sociedade brasileira (ou terceiromundista), através da ótica do capital financeiro internacional.

O fato deste capital ter-se diversificado e conglomerado de forma pouco transparente, **ditando uma política financeira internacional**, leva a crer que os espaços geográficos tenham sido "universalizados", a ponto de impossibilitar a existência de Estados nacionais. Como nação, estaríamos de tal forma emaranhados ao contexto das políticas financeiras internacionais, que pouco sentido faz falarmos em realidade nacional.

Neste sentido procurei, neste trabalho, evidenciar que, se nós, por um lado, não "podemos" falar em questões nacionais, **Eles, lá, insistem em fazê-lo.** (Eles os norte-americanos e os europeus). Este é precisamente o cerne da questão colonial levantado neste trabalho.

Para o primeiro mundo, os Estados Unidos e a Europa especificamente, o seu nacionalismo continua a ser essencial. Veremos uma atualização; não se trata mais daquele nacionalismo a nível de nações: a predominância dos interesses econômicos esta levando a perspectiva do surgimento de formações so-

ciais mais amplas, com o intuito de seu fortalecimento em termos de força hegemônicas, mundiais. Observamos que a nível interno destes países, este nacionalismo é reafirmado diariamente ante as questões dos imigrantes, as suas escolas, o seu voto; em relação à invasão dos capitais japoneses, ou mesmo, nas negociações das dívidas externas do terceiro mundo entre tantas outras questões. Esta mesma postura pode ser observada aqui mesmo na escola, no meio estrangeiro, como exemplificados e analisado em dois capítulos desta tese.

Mesmo que a nível externo, procuram parecer universais, o são efetivamente com o terceiro mundo. Sendo universal, não têm de bater à porta do terceiro mundo primeiro; entram, atropelam quem estiver na frente, apropriam-se do que encontram e subordinam as populações locais à sua "universalidade". A condição maior desta "universalidade" reside precisamente no seu contrário: o domínio pela força física, política, cultural e econômica. Daí resultar o contexto colonial como como uma realidade de uma violência extremamente sutil e concreta ao mesmo tempo. Ser universal vale para o oprimido, para o terceiro mundo, e nacional para o dominador, somente para as realidades do primeiro mundo. Este tem sido o lema da colonização desde o seu início, no Brasil, 500 anos atrás. Mesmo que esta prática tenha se demonstrado como uma grande farsa, veremos a continuidade do escamoteamento da realidade colonial, uma vez que esta criou novos mecanismos de defesa, atualizando, justificando a violência colonial, a dominação do norte sobre o sul.

Um destes mecanismos de defesa é representado pela formação das burguesias nacionais, trata-se precisamente da internacionalização destas. À medida em que houve a internacionalização, a monopolização da economia capitalista mundial, houve concomitantemente, um processo de "emancipação", de internacionalização das camadas associadas a estes capitais.

A expansão capitalista não tem como prioridade a satisfação das necessidades locais, poderá até servir a estes fins, se estas políticas forem sujeitas aos governos locais, e não vice-versa. (interessante neste sentido, é acompanhar a entrada dos grandes capitais ocidentais nas economias socialistas).

A expansão dos capitais europeus e norte americanos foi acompanhada pela importação nossa, do 3º mundo, de padrões de comportamento, de concepção de mundo condizentes com aquelas realidades de origem. Ter assumido aqueles ideais, a visão de mundo de fora, significou a criação de um ambiente nacional, ocupado e defendido principalmente pelas elites econômicas, políticas e culturais, em defesa dos interesses estrangeiros e deles mesmo.

Este foi um elemento chave na continuidade do contexto colonial, internacional. A nível interno, uma burguesia forte, que defende como prioridade os compromissos externos em detrimento das necessidades nacionais. São inúmeros os exemplos atuais: O pagamento das dívidas externas constitui-se como um dos mecanismos extremamente eficientes de controle das prioridades internas e conseqüentemente na manutenção da correlação de forças a nível mundial.

Neste sentido podemos constatar a eficiência de uma das funções da ideologia, especificamente em explicar, dar coerência e legitimar uma classe no poder. O longo período de fora, como o podemos verificar nos principais meios de comunicação de massa.

Caso nós, brasileiros, questionemos esta relação de subordinação e exploração, da mesma forma como eles o fazem lá em sua terra, em relação aos estrangeiros, somos violentamente discriminados como ingratos, falsos nacionalistas e subversivos. Não assumirmos a falsa universalidade do estrangeiro, significa dar prioridade às exigências nossas, da grande maioria da população brasileira. Assumir como prioridade a problemática nacional, não significa mendigar uma maior compreensão, concessão por parte do invasor; significa assumir o colonialismo e negociar a partir desta compreensão histórica.

2) Como uma segunda razão pela qual se "justifica" a "desatualização", a superação do contexto colonial, refere-se à postura geralmente assumida pelos intelectuais nos trabalhos acadêmicos referentes a este tema. (refiro-me principalmente àqueles de "esquerda"). Nestes em muitos casos, não existe uma preocupação de coerência entre o conteúdo da produção teórica com a prática do autor. À medida em que se defende esta desvinculação, em nome de um critério científico, desvincula-se o produtor acadêmico da realidade de seu trabalho. Esta desvinculação entre a produção científica e a realidade vivida pelo intelectual remete-nos ao conceito de "intelectual orgânico" formulado por Gramsci.

No caso deste trabalho, evidenciou-se durante a confecção do mesmo, em debates e discussões o desencontro entre a produção acadêmica e a postura prática de seus produtores. Daí a sugestão para um trabalho futuro, fazer um levantamento do posicionamento ideológico da intelectualidade brasileira (de uma parte dela, p. ex.) a partir do posicionamento em seus trabalhos teóricos por um lado, e por outro, procurar detectar o posicionamento ideológico desta mesma população intelectual, a partir de elementos sócio, econômico, político e culturais reais vividas por esta população intelectual.

A proposta de exigência da organicidade do intelectual no contexto deste trabalho exige uma vinculação, uma coerência entre a vida pessoal e o trabalho intelectual do mesmo. O que no caso de uma realidade de exploração colonial significa romper com os padrões, com a visão de mundo europeia e norte-americana, e encontrar a sua humanidade, não mais lá fora, mas em nós mesmos, na problemática da grande maioria de nossa população marginalizada.

## OBRAS CITADAS OU CONSULTADAS

- ALTOUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. 2ª Ed. Lisboa, Ed. Presdença, 1980.
- ALTUSSER, Louis. Curso de Filosofia para Científicos. Editorial Laia - 1967 - Espanha.
- ANSART, Pierre. Ideologias, conflitos e poder. Zaliar Editora. 1978.
- BARBOSA, L. e outros. A incrível história dos homens e suas relações sociais. Vozes, 1986.
- BOSI, Alfredo. O trabalho dos Intelectuais segundo Gramsci. Debate e Crítica nº 6 , julho , 1975.
- CASTRO, Fidel. A dívida externa. Ed. LPM, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e Democracia. São Paulo, Moderna 1981.  
O que é ideologia? Brasiliense, 1981.
- CHARLOT, Bernard. A mistificação pedagógica. Zahar Ed., 1983.
- CORTEZ, H. A conquista do México. Ed. LPM, 1986.
- COSTA, Angyone. Introdução à arqueologia brasileira. Com. Ed. Nacional, Col. Brasiliana vol. 34, S.P, 1980.
- COVRE, Maria de Lourdes M. A fala dos homens. Ed. Brasiliense, 1983.
- A formação e ideologia do adminsitrador de empre - sas. Petrópolis, Vozes, 1981.

Da ideologia. Althusser, Gramsci, Luckács, Poulantzas, Zahar, 1980.

DE LAS CASAS, B. O paraíso destruído. Ed. LPM, 1985.

DE PAULA, Samuel. Nós, as multinacionais e os Estados Unidos. Ed. Pontos, 1986.

EVANS, P. A tríplice aliança. Zahar, 1980.

FANON, F. Os condenados da terra. Civ. Brasileira, 1979.

FREIRE, Paulo - CEDAL/CEDETIM. Multinacionais e trabalhadores no Brasil. Ed. Brasiliense, 1979.

- Pedagogia do oprimido. Paz e Terra, 1979.

GALVÃO, L.A. "Marxismo, imperialismo e nacionalismo". Em Debate e Crítica, 6.

GOLDBERG, Maria Amélia A. "Inovação educacional: grandezas e mi-  
sérias de ideologia". Caderno de Pesquisa, 32. Fun-  
dação Carlos Chagas.

GORBACHEV, Mikail. Perestroika, Ed. Best. Seller, 1987.

GRAMSCI, A. Obras escolhidas. Ed. Martins Fontes, 1978.

- Concepção Dialética da História. Civ. Brasileira ,  
2ª edição, 1978.

- Os intelectuais e a organização da cultura. 4ª edi-  
ção, Civ. Brasileira, 1982.

- "Alguns temas da questão meridional". Temas, 1.  
São Paulo, 1977.

HARPER, Ceccon e Darcy de Oliveira. Cuidado Escola! Brasiliense,  
24ª ed., 1987.

IANNI, Octavio. A ditadura do grande Capital. Rio de Janeiro,  
Civ. Brasileira, 1981.

- KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia . Ed. Francisco Alves, 1973.
- MANNHEIM, K. Homem e sociedade numa era de reconstrução social. Zahar.
- MARX, K. Contribuição à crítica da economia política. Martins Fontes.
- A ideologia alemã. 3ª ed. Ed. Ciências Humanas, 1982. MARQUES de Melo, J. A televisão como instrumento do neocolonialismo: evidências do caso brasileiro em Cultura Brasileira, temas e situações. Ed. Átila, 1987.
- MOURA, Margarida Maria Moura. Os deserdados da terra. Ed. Bertrand Brant, 1988.
- MEGGERS, B. América Pré-histórica. Paz e Terra, Rio 1979.
- MENDES, J.C. Conheça a pré-história brasileira. EDU-SP. São Paulo, 1970.
- OLIVEIRA, Francisco de. A economia da dependência imperfeita. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1977.
- ORTIZ, R. Cultura Brasileira versus identidade nacional. Editora Brasiliense, 1985.
- ORTIZ, Renato - Consciência Fragmentada. Ensaio de Cultura Popular e Religião. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra , 1980.
- PAIVA, Vanilda. "MOBRAL", um desacerto autoritário". Cadernos CEDES.
- PARANHOS, Adalberto P. Dialética da Dominação. Edição Papyrus, 1984.

- POULANTZAS, N. A crise do Estado. Lisboa, Moraes, 1976.  
A crise da ditadura. Paz e Terra, 1978
- PONCE, Aníbal. Educação e luta de classes. Cortez Editora, 1982.
- PORTELA, Fernando. Guerra de guerrilhas no Brasil. Ed. Global, 1986.
- RIBEIRO, Darcy - O processo civilizatório. Civ. Brasileira, 2ª edição, 1972.
- SINGER, P. A crise do "milagre". Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1972.
- STANDEN, Hans - Viagens e cativeiro entre os índios do Brasil. Cia Editora Nacional. São Paulo, 4ª ed. 1945.
- TAVARES, Maria da Conceição - Da substituição de importações ao capitalismo financeiro. Zahar Editoras, 7ª edição, 1978.
- TAVARES, de Jesus, A. A educação como hegemonia no pensamento de Gramsci, tese de mestrado, Unicamp, 1985. Faculdade de Educação.
- TRAGTEMBERG, M. Administração, poder e ideologia. São Paulo, Ed. Moraes, 1980.
- VAIDERGORN, J. - As moedas falsas: Ed. Moral e Cívica. Tese de Mestrado, Fac. de Educação - UNICAMP, 1987.

OUTROS:

- . Diário Suíço: "Der Tagesanzeiger"
  - Caderno de edição especial sobre as escolas no exterior("Ausländerschulen unter der Lupe")
  
- . Semanário alemão: "Der Spiegel" a partir de 1981.
- . Portaria do Congresso Suíço de 2/9/81.
- . Jornal indígena: Porantim.

MATERIAL PUBLICIADO PELA ESCOLA SUÍÇO-BRASILEIRA DE SÃO PAULO:

- . Folheto de propaganda da escola
- . Caderno "História da Escola Suíço Brasileira de São Paulo".